

CARTAS AOS TESSALONICENSES

2 Tessalonicenses

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2007, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão
Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher
Copyright © 1969 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de
Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom / Werner de Boor, Hans Bürki / tradução Werner Fuchs --
Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2007.
Título original: Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher; Der erste Brief des Paulus an Thimotheus; Der
zweite Brief des Paulus an Thimotheus, die Briefe an Titus und an Philemon.
ISBN 978-85-86249-97-6 Capa dura
ISBN 978-85-86249-98-3 Capa dura
1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação
I. Título.
06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Prefácio ao comentário das cartas aos Tessalonicenses
Introdução às duas cartas aos Tessalonicenses

Saudação Inicial – 2Ts 1.1s

A gratidão pela posição da Igreja torna-se palavra de fortalecimento na perseguição – 2Ts 1.3-5

A grande vingança virá! – 2Ts 1.6-10

Do grande alvo resulta a intercessão em prol da Igreja – 2Ts 1.11s

A Igreja precisa de clareza sóbria em vista da história do fim – 2Ts 2.1-12

Exortação à constância – 2Ts 2.13-17

O que os mensageiros esperam da Igreja e para ela – 2Ts 3.1-5

A Igreja não deve tolerar irmãos desordeiros – 2Ts 3.6-15

Paulo escreve de próprio punho a saudação final da carta – 2Ts 3.16-18

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 2Tessalonicenses está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

- Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.
- Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.
- Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
 - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
 - Copta séculos III-IV
 - Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)
BV Bíblia Viva (1981)
NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

- Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

- Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João

At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

PREFÁCIO AO COMENTÁRIO DAS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Muito mais do que Fp e Cl, as duas cartas aos Tessalonicenses oferecem múltiplas dificuldades de tradução e interpretação, tanto em passagens isoladas como em trechos inteiros. O usuário de uma “Bíblia de Estudos” tem o direito de conhecer essas dificuldades sem retoques e de ser conduzido a julgá-las por si mesmo. Por isso tive um receio especial, justamente nessas duas epístolas, de oferecer uma tradução “limpa” em linguagem fluente, esforçando-me de forma singular para apresentar ao leitor o teor do texto grego da maneira mais fiel possível. Há uma abundância de boas traduções em alemão, desde a Bíblia de Lutero até as obras modernas (Menge, Schlachter, Schlatter, Thimme, Elberfelder, Zürcher). Será benéfico para o leitor ter a seu lado uma versão moderna em boa linguagem. Contudo, justamente nas passagens controvertidas uma boa tradução imediatamente representa uma determinada interpretação, que o próprio leitor deveria, na verdade, elaborar junto com o intérprete. Ainda que uma “Bíblia de Estudos” não pretenda nem possa ser um “comentário teológico”, razão pela qual não precisa entabular uma discussão com todas as demais interpretações, não pode deixar de instruir o leitor acerca das possíveis concepções nos pontos controvertidos, bem como sua respectiva fundamentação. O leitor assíduo da Bíblia certamente terá por si só vários questionamentos relativos ao texto e é bom que saiba que a compreensão da Sagrada Escritura não é uma “edificação” barata, mas um assunto sério e responsável, que demanda análise exaustiva, trabalho dedicado,

disciplina mental e uma atitude de oração diante de Deus. O cristianismo atual combina com excessiva facilidade uma sonora veneração geral da Bíblia com seu uso superficial, em que opiniões pessoais são “comprovadas” rapidamente e sem esforço mediante algumas citações bíblicas, sem que se abra os olhos na leitura da Escritura para aquilo que realmente está escrito. Se também o presente volume da Série Esperança servir para que haja melhoria no cristianismo em relação a este ponto, se favorecer uma verdadeira leitura da Bíblia e levar a uma corajosa submissão à palavra da Escritura, ele terá cumprido sua finalidade.

Schwerin, 29 de janeiro de 1959 Werner de Boor

INTRODUÇÃO ÀS DUAS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Quando a equipe missionária de Paulo, Silvano e Timóteo foi obrigada a sair da primeira igreja de Deus no continente europeu, de Filipos, ela não recuou, decepcionada e desencorajada, porém avançou para Oeste. O próprio grupo viu nesse passo a dádiva da franca ousadia que Deus lhe havia concedido de forma maravilhosa (1Ts 2.2). Atos dos Apóstolos informa que na ocasião eles “peregrinaram” pelas cidades de Anfípolis e Apolônia (At 17.1). Uma comparação com Lc 8.1 demonstra que isso não foi necessariamente uma viagem sem paradas nem pregações. Certamente não chegaram a ponto de realmente fundar igrejas. Mas quando os tessalonicenses demonstram amor a “todos os irmãos em toda a Macedônia” (1Ts 4.10), não se pode imaginar apenas Filipos e Beréia. Em muitos lugares da província devem ter existido cristãos isolados e grupinhos de cristãos, que demandavam cuidado especial e que de fato o obtiveram. A narrativa de Lucas, em geral tão parcimoniosa, deve ter tido alguma razão para citar Anfípolis e Apolônia.

Em seguida a equipe chegou a Tessalônica. A cidade foi fundada pelo rei macedônio Cassandro, mais precisamente na região em que várias localidades menores foram colonizadas, entre as quais, sobretudo as termas (que podem ser traduzidas como “fontes quentes”), que haviam dado ao grande golfo vizinho o nome de “golfo das termas”. A nova cidade recebeu o nome de “*Thessalonike*”, provavelmente em honra à esposa do rei, irmã de Alexandre Magno. A forma atual do nome “*Saloniki*” ainda preserva o “k” na sílaba final: *nike* = “vitória”. Também nestas duas cartas os habitantes da cidade são chamados “tessalonicenses”.

A nova cidade havia experimentado um bom desenvolvimento como cidade portuária e comercial, graças à localização favorável junto ao mar e à grande estrada imperial romana, a *via Egnatia*, que ligava Leste e Oeste, indo de Dirráquio a Bizâncio. Para as condições da época ela era uma “metrópole”. Depois de incorporar a Macedônia ao império, os romanos fizeram dela a capital da província e a sede do procônsul. Nesse processo, porém, a cidade preservou certa autonomia, tendo administração própria conduzida por um “politarco”, como At 17.6 também demonstra com bom conhecimento de causa. Paulo gostava de trabalhar nesse tipo de cidade, a partir da qual a mensagem podia ser disseminada para toda a província.

Também aqui o ponto de contato foi a comunidade judaica, que dispunha até mesmo de uma sinagoga em Tessalônica, sendo, portanto, muito mais influente que o pequeno grupo em Filipos, que só possuía um local de oração à beira do rio (At 16.13). Se em At 17.1 for correto ler, apoiado em manuscritos de renome, o artigo definido antes de “sinagoga”, terá existido em Tessalônica até mesmo “a sinagoga” para toda a província. Da comunidade judaica de Tessalônica vem Aristarco, mencionado em At 19.29; 20.4; 27.2; Cl 4.10s como colaborador especial de Paulo. No mais, porém, surge rapidamente um conflito com os judeus: At 17.1-9. A narrativa de Atos dos Apóstolos, no entanto, não obriga a limitar a estadia de Paulo e seus colaboradores em Tessalônica a meras três ou quatro semanas. Nesse curto período teria sido difícil conquistar para o evangelho o “grande número de gregos tementes a Deus e das mulheres distintas não poucas” citado pelo próprio livro de Atos, e de forma alguma seria possível edificar uma igreja tão solidamente organizada e tão bem alicerçada como se pode depreender das duas cartas aos Tessalonicenses. Também o fato de a igreja enviar dois donativos para ajudar Paulo (Fp 4.16) e a ocupação exemplar de um local fixo de trabalho por Paulo e seus colaboradores (1Ts 2.9; 2Ts 3.7-9) tornam imperioso imaginar uma estadia um pouco mais demorada na cidade. Depois das exposições e dos debates nos três sábados mencionados em At 17.2, a sinagoga fechou-se para a mensagem de Jesus, mas nada impedia Paulo de continuar agora em outros recintos – entre eles a casa de Jasão. Dessa maneira a igreja se torna preponderantemente “cristã gentia”, como se percebe com clareza em 1Ts 2.14-16. O sucesso ali produzido já deve ter bastado para logo em seguida inquietar os judeus ao extremo, motivando-os a tomarem as medidas subseqüentes contra os mensageiros. Também esse procedimento teve ter durado um período mais longo, atingindo inclusive os gregos que aderiram a Paulo e seu evangelho. A 1ª carta na verdade diz que os tessalonicenses aceitaram “a palavra sob grande tribulação”. Por fim devem ter sucedido os episódios narrados por At 17.5-9, que forçaram os mensageiros a deixar a cidade por recomendação dos irmãos.

Desconhecemos os detalhes dos acontecimentos posteriores. Atos dos Apóstolos nos fornece apenas um relato sumário que sintetiza semanas e meses em poucas frases. Quantas coisas, porém, preencheram as semanas e os meses, também preocupações pela igreja que foi deixada para trás em grande aflição! Sem cessar os mensageiros lembraram-se dos irmãos de lá, sem cessar intercederam por eles (1Ts 1.2). Mas igualmente devem ter chegado até Paulo algumas notícias sobre a continuidade das aflições, a ponto de falar de modo tão determinado sobre elas em 1Ts 3.1-5. Os três mensageiros, sobretudo Paulo, o dirigente responsável, finalmente não suportam mais as preocupações. Uma carta pedindo informações sobre a situação e encorajando a igreja não bastaria. Um deles tem de ir pessoalmente a

Tessalônica, para obter uma visão pessoal da situação da igreja e levar consolo direto para fortalecer os crentes na tribulação. Por isso é enviado Timóteo (1Ts 3.2). Paulo assume o sacrifício de permanecer sozinho em Atenas. A informação de Atos (At 17.14-16), de que Paulo já se separara de Silvano e Timóteo em Beréia, seguindo sozinho para Atenas, pode ser muito bem harmonizada com as palavras da presente carta. O envio de Timóteo não precisa necessariamente ter acontecido a partir da própria Atenas, depois da chegada dos dois colaboradores bereanos. Até mesmo porque neste caso haveria a dificuldade de que Paulo justamente não esteve “sozinho” em Atenas, mas teria consigo Silvano. Contudo, se ele pedia que Timóteo fosse de Beréia para Tessalônica e que Silvano ainda ficasse em Beréia, ele de fato se sujeitou a “ser deixado sozinho em Atenas”. É provável que então Silvano tenha sido o primeiro a encontrá-lo em Corinto, de modo que o retorno de Timóteo foi um acontecimento especial (como sugere 1Ts 3.6). Outra possibilidade é que Timóteo veio com Silvano até Corinto passando pela Beréia (como pode, mas não precisa ser presumido a partir de At 18.5). Desconhecemos muitos pormenores que nos seriam bastante relevantes para formar um quadro mais completo da época apostólica! De qualquer modo os três mensageiros sentem agora o impulso de escrever em conjunto uma carta à “igreja dos Tessalonicenses”, nossa primeira carta aos Tessalonicenses.

Essa carta foi freqüentemente depreciada. O alemão “faustiano”, que é, sobretudo, um “pensador” e mede o valor de um texto pela magnitude e profundidade dos “problemas” nele tratados, realmente não encontrará “grande coisa” em 1Ts. Até mesmo as duas “questões” consideradas pela carta, a pergunta sobre destino dos membros da igreja que faleceram antes do retorno do Senhor e a pergunta sobre o momento desse retorno, não são respondidas com elaborações teológicas exaustivas e de forma dogmaticamente interessante, mas tratadas de maneira surpreendentemente simples. Quanto mais, porém, nossos olhos e coração são abertos para a realidade da vida divina, e quanto mais o testemunho fundamental dessa vida, portanto se torna importante para nós também na Bíblia, tanto mais predileta e preciosa resulta para nós justamente a “singela” primeira carta aos Tessalonicenses. Justamente pelo fato de essa igreja ainda não obrigar Paulo a dedicar-se a “problemas” especiais, há na carta muito espaço para que toda a plenitude dessa vida seja apresentada. 1Ts é uma carta tão maravilhosamente “jovem”, uma “carta de amor recente”, na qual coração e pena ainda conseguem se deter, sem o ônus de dificuldades eclesiais específicas e indagações teológicas, diante do milagre da formação da igreja, diante de todo o amor e comunhão de uns para com os outros, diante da pulsação vital no trabalho dos mensageiros e no desenvolvimento da igreja. Nessa contemplação recolhemos inesgotáveis desacobertas e ajudas eficazes, ainda que menos para a “dogmática”, e certamente mais para “a teologia prática”. A própria exegese terá de explicitá-lo.

Evidentemente também podemos haurir um ganho fundamental da presente carta para a “dogmática”, desde que estejamos dispostos a ouvir: a posição da escatologia não no final e à margem, mas no centro da fé e do pensamento cristãos! Essa carta não apenas tem algumas passagens escatológicas, mas é “escatológica” de ponta a ponta. O “dia do Senhor” é o ponto focal a partir do qual se forma toda a perspectiva da visão de mundo dos cristãos. Como seria desejável ter uma “dogmática” e uma “ética” que de fato tivessem aprendido de 1Ts nesse aspecto!

Porém um segundo fato nos move quando olhamos para essa carta: este é provavelmente o primeiro e mais antigo escrito preservado da era apostólica e, conseqüentemente, algo parecido com uma célula da qual germinou o NT! Naturalmente não conseguimos determinar com precisão a época de redação da carta aos Gálatas. Mas ainda que aqui Paulo excepcionalmente não tenha seguido a designação das províncias romanas, como se fazia em geral, entendendo “gálatas” como os cristãos em Icônio, Listra e Derbe, não se pode presumir que a crise nas igrejas de lá tenha acontecido tão pouco tempo depois da recém-realizada visita (At 16.1s) a ponto de que Paulo tivesse de escrever-lhes a carta aos Gálatas já nos primeiros tempos da missão na Europa, antes mesmo de 1Ts. O “tão depressa” em Gl 1.6, porém, é um termo relativo: se nos dias atuais uma jovem igreja, em qualquer campo missionário, depois de dez anos rompesse com seu fundador, nós também exclamaríamos, surpresos e penalizados: “tão depressa!” Com um coração particularmente emocionado abordaremos a presente carta, sabendo que: foi assim que certo dia começou o “escrever” da jovem cristandade, e precisamente aquele escrever singelo, genuinamente epistolar, destinado para aquela atualidade, e que ainda assim, sob a condução do Espírito Santo, se tornou “Bíblia”, fundamentalmente eficaz em todo o vasto mundo até o dia de hoje, sempre que em algum lugar houver pessoas se debruçando sobre 1Ts.

Ao lado da primeira carta, sobre cuja “autenticidade” não é preciso tecer qualquer comentário, existe um segundo escrito à mesma igreja, que realmente nos confronta com uma série de questionamentos. Uma vez que as cartas da Antigüidade não usavam “data”, não sabemos quanto tempo se passou entre a redação da primeira e da segunda carta. Considerando o comentário final em 2Ts 3.17, e para solucionar diversas dificuldades, alguns pesquisadores até mesmo tentaram considerá-la a carta mais antiga – evidentemente uma suposição que fracassa já pela circunstância de que justamente 2Ts não traz nenhuma menção de todas aquelas recordações pessoais da época da fundação da igreja, apresentadas com tanta abundância e alegria por 1Ts.

Mas quais são, porém, os questionamentos que levaram pesquisadores sérios a duvidar da “autenticidade” de 2Ts, considerando essa carta como escrita posteriormente por outra pessoa, que usou o nome de Paulo para tentar dizer algo à igreja no começo do séc. II? Não devemos rejeitar de antemão uma opinião dessas, cheios de indignação. No mundo antigo um escrito publicado sob o nome de uma pessoa famosa não era, como hoje entre nós, uma “falsificação” infame e maldosa. Essa prática, pelo contrário, era equivalente ao que faz atualmente um autor ainda desconhecido quando solicita um “prefácio” de uma pessoa renomada, sob cuja autoridade o escrito praticamente é revelado ao

público. Se realmente um póster tivesse escrito 2Ts sob o nome de Paulo, sua intenção teria sido expressar: se Paulo vivesse agora e visse as aflições e os perigos atuais da igreja, ele se posicionaria da seguinte maneira diante disso e escreveria deste modo à igreja! Esse autor posterior de 2Ts poderia sem dúvida ser um cristão sério da igreja. Basta recordarmos que era costume naturalmente aceito na historiografia grega antiga inserir discursos na fala dos heróis que eles jamais proferiram naqueles termos, mas com os quais o historiador da época pensava caracterizar de forma melhor a pessoa e a situação. Hoje um ato desses provocaria a mais inflamada revolta entre nós. Naquele tempo simplesmente era costume. Logo, não podemos rejeitar a questão a respeito da autenticidade de 2Ts, mas precisamos examiná-la seriamente.

As dúvidas sobre a autenticidade de 2Ts começam pela escatologia em 2Ts 2.1ss, que para muitos pesquisadores são inconciliáveis com as exposições de 1Ts 5.1-11. Não poderia ser o mesmo Paulo que num primeiro momento desvia a atenção da igreja de todos os cálculos cronológicos a fim de encorajar a vigilância permanente na espera pelo dia do Senhor que viria subitamente, para em seguida, poucas semanas ou meses mais tarde, remeter a mesma igreja para sinais observáveis que precisariam ocorrer antes que o dia do Senhor pudesse chegar! Ou então: se Paulo, como é declarado em 2Ts 2.5, de fato tivesse instruído a igreja com exatidão sobre esses eventos preparatórios, ele já deveria tê-los mencionado em 1Ts 5.1ss quando tratou de “épocas e prazos”; por assim dizer, já deveria ter escrito 2Ts 2.3-8 na ocasião em que escreveu 1Ts 5. Justamente por isso o verdadeiro Paulo, o homem de 1Ts 5.1-11, não poderia ser o autor de 2Ts 2.1-12.

Essa questão terá de ser solucionada pela própria exegese. Não pode ser decidida de an-temão. Neste momento cabe apenas uma observação fundamental. É característico para todo o testemunho bíblico, especialmente em suas partes proféticas, que ele expressa a verdade divina com grande autonomia e liberdade, da forma como fora incumbido caso a caso a essa ou aquela testemunha, sem qualquer pretensão de totalidade e sem qualquer preocupação com um “sistema” inequívoco. Falar de forma “teologicamente resguardada” nunca foi intenção dos homens e mulheres da Bíblia! Um caso muito típico é, p. ex., Lc 1. Os personagens que falam ali, inclusive o anjo de Deus, profetizam sobre João e Jesus, sem explicitar quaisquer fatos específicos de suas vidas – o batismo de João, sua morte como mártir, a cruz de Jesus e sua ressurreição! Será que por isso essas profecias estavam “erradas” ou “imprecisas e superadas”? No entanto Lucas, que conduz de modo tão intensivo para a cruz do Cristo e sua ressurreição, acolheu-as como corretas, verdadeiras e necessárias em seu evangelho! Por isso estaremos redondamente equivocados em relação à Bíblia se o silêncio de determinadas testemunhas sobre pontos essenciais nos levar a concluir que diferentes testemunhos são “inconciliáveis” entre si. Lucas sabia a respeito do Messias, da cruz, da ressurreição, da ascensão e da volta. Mas – o anjo e as pessoas no primeiro capítulo de seu evangelho não dizem nada a respeito disso. Paulo sabia das coisas de 2Ts 2.1-12. Mas agora, em 1Ts 5.1-11, não as explicita. Constantemente aparecem na Sagrada Escritura quadros amplos sobre o todo da verdade divina que momentaneamente revelam apenas alguns traços, sem com isso contradizer linhas bem diferentes seguidas por outras passagens. Por exemplo, um grupo de pintores poderia pintar a mesma paisagem a partir de colinas diferentes e de maneiras diferentes. Com certeza haveria “quadros inconciliáveis”, que, não obstante, todos juntos e cada um por si descortinariam essa poderosa paisagem de forma fiel e verdadeira diante de nós. Por isso tampouco precisa causar estranheza que somente em 2Ts 2.1-12 e em nenhum outro lugar de suas cartas Paulo fale a respeito de uma expectativa de “apostasia” e do “anticristo”. Isso não é feito nem mesmo em 2Ts 1.5s, embora ali na realidade seria “obrigatório” que o fizesse. Se 2Ts 1.5-10 e 2.1-12 constassem em cartas diferentes, novamente se falaria de “inconciliabilidade”, porque na visão do juízo da primeira passagem faltaria totalmente o olhar para o anticristo e seu aniquilamento! Será necessário abordar a questão da inconciliabilidade de conteúdos de 1Ts e 2Ts com grande reserva e sensatez. É somente a exegese em si que poderá alcançar resultados precisos.

No entanto, para o provavelmente mais sério contestador da “autenticidade” de 2Ts, William Wrede, não foram as discrepâncias de conteúdo na escatologia, mas questões relativas ao estilo da carta que o levaram a negar que Paulo fosse autor de 2Ts. Na verdade, quem termina de ler a “jovem carta de amor” para então ocupar-se da segunda epístola, um escrito que deve ter sido enviado à mesma igreja não muito tempo depois, fica chocado, mesmo se dispuser somente de uma tradução. Enquanto em 1Ts tudo era simples, cordial e pessoal, em 2Ts deparamo-nos logo de início com um tom solene que apesar de palavras fortes dá impressão de maior frieza. Tudo é muito mais oficial, litúrgico, permeado de citações do AT, de uma maneira que normalmente não conhecemos da parte de Paulo. Nenhuma palavra mais a respeito de recordações pessoais! Mas acima de tudo: nenhuma palavra mais a respeito do reencontro que havia sido abordado com viva e afetuosa saudade em 1Ts! Nenhuma palavra sobre por que, afinal, o fervoroso pedido de 1Ts 3.10s não se cumpriu. Nenhuma palavra a respeito de novos esforços para uma visita pessoal em Tessalônica, muito embora as necessidades na igreja tornassem a visita ainda mais necessária em função da perseguição externa, da confusão escatológica e do grupo dos “desordeiros”. Será possível que os mesmos homens, será possível que alguém como Paulo, depois de pouco tempo, escreva à mesma igreja de maneira tão diferente em tom e forma?

Neste ponto, porém, os pesquisadores encontraram um dilema. Quando tentavam compreender e interpretar a carta como uma “falsificação posterior” em vista dessas observações e questões de fato angustiantes, as dificuldades se tornavam muito maiores ainda! Que objetivo um imitador de Paulo poderia ter perseguido com essa carta?! Por que a escreveu? Quando e onde houve, mais tarde, uma agitada e tensa expectativa que dissesse “O dia do Senhor chegou!”? Como um falsificador era capaz de escrever a uma igreja: “Tudo isso eu, Paulo, na realidade vos falei, tudo isso estais

sabendo”, quando essa igreja não tinha como saber disso, visto que o Paulo imaginário de 2Ts nunca estivera com ela? Os tessalonicenses não teriam notado imediatamente a falsificação, diante do fato de que na tradição da igreja não conhecia nenhuma palavra de Paulo a respeito do anticristo e do “retardador”? Onde mais tarde se enfatizou de maneira paulina o compromisso de ganhar o pão pacatamente por meio do trabalho com as próprias mãos? Acima de tudo: onde ainda havia igrejas às quais era possível recomendar a disciplina eclesiástica sobre “desordeiros” como um todo, sem ao menos mencionar “detentores de cargos”?! Um imitador posterior teria involuntariamente projetado a realidade da igreja de sua época e seu contexto para dentro do escrito “paulino”? Além disso, a leitura atenta da carta revela tantas características “paulinas”, especialmente características paulinas não-intencionais, que uma pessoa de época posterior, vivendo em condições e modos de pensar completamente diferentes, dificilmente teria conseguido alcançar através da mera “imitação”. A isso tudo se soma com todo seu peso a aceitação da carta pela igreja antiga, que avalia a segunda carta como carta genuína de Paulo, tanto quanto a primeira. Será que realmente seríamos tão mais inteligentes e discernentes do que aquelas pessoas que estavam mais próximas da época, história e língua da época apostólica?

A situação, portanto, é que não existe argumento decisivo, tanto de conteúdo quanto relativo à forma, contra a autenticidade de 2Ts. A explicação da carta como um escrito de Paulo e seus colaboradores causa não poucas dificuldades, mas a explicação como obra de um falsificador posterior causaria muito mais!

Nessa situação evidentemente se buscou toda sorte de saídas: tentou-se considerar a segunda carta como a mais antiga, tentou-se compreendê-la como um escrito dirigido a um grupo especial da igreja, mais precisamente um núcleo cristão judeu (A. v. Harnack); lembrou-se que a carta da Antigüidade não era escrita de próprio punho, mas ditada, e muitas vezes nem isso era feito palavra por palavra, mas em tópicos, de cujo desenvolvimento posterior era incumbido o escrevente (Spitta). Será que em sua conversa Paulo só conseguiu passar a Timóteo as coisas mais prementes, tendo de encarregá-lo da elaboração do todo numa proporção maior do que na primeira carta? Contudo todas essas teorias são, em primeiro lugar, impossíveis de comprovar, e em segundo lugar pagam a eliminação de certas dificuldades com a produção de novas e maiores. Se 2Ts for o primeiro escrito à igreja, por que faltam justamente nele as recordações e considerações pessoais, trazidas de modo tão rico e afetuoso por 1Ts? O endereçamento da carta não diz absolutamente nada sobre um núcleo interno da igreja. E será que os “desordeiros” que abandonaram seu local de trabalho estariam justamente no segmento judaico e não no segmento grego da igreja? E ainda que dessa vez Timóteo tivesse de elaborar a carta de modo mais independente, será que não teria sido possível e imperioso que Paulo lhe desse uma palavra-chave sobre a questão tão importante em 1Ts acerca do reencontro pessoal com a igreja? E será que então o enfático “Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?” poderia ter sido incluído na carta?

Por conseguinte, será necessário que, segundo a antiga tradição eclesiástica, consideremos e expliquemos 2Ts como carta autêntica de Paulo. A própria interpretação evidenciará se isso é exequível ou se, ao lermos a carta com atenção, nos depararemos com um “é impossível que isto venha de Paulo!”. As dificuldades restantes a respeito da mudança no tom e na característica do escrito terão de permanecer em aberto, sem serem bagatelizadas, mas lembrando-nos humildemente a partir de nossa própria correspondência que tanto as nossas próprias cartas quanto as de outras pessoas às vezes se tornam surpreendentemente “diferentes” e que sabemos muito pouco sobre a situação, a constituição interior e as impressões nas quais 2Ts foi escrita. Se soubéssemos tudo, teríamos feito parte pessoalmente do grupo dos três mensageiros. Talvez 2Ts nos parecesse tão “natural” em sua característica que não compreenderíamos como, afinal, alguém poderia se torturar com perguntas sobre a autenticidade!

COMENTÁRIO

SAUDAÇÃO INICIAL – 2Ts 1.1s

1 – Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo:

2 – graça e paz a vós, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo!

1s A saudação inicial dessa segunda carta corresponde textualmente à da primeira, com alguns pequenos adendos que a ampliam um pouco. No v. 1 Deus não é chamado apenas de Pai, mas de “nosso” Pai. E o voto de graça e paz declara agora – como nas cartas posteriores – de quem vêm essa graça e paz, ou seja, de onde podemos convictamente esperar ambas. De resto, porém, tudo o que é necessário dizer já consta no intróito à primeira carta (cf. p. 27).

A GRATIDÃO PELA POSIÇÃO DA IGREJA TORNA-SE PALAVRA DE FORTALECIMENTO NA PERSEGUIÇÃO – 2Ts 1.3-5

- 3 – Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando,**
4 – a tal ponto que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé, em todas as vossas perseguições e nas tribulações que suportais,
5 – sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo.

- 3 De imediato percebemos a diferença no todo da atitude e do enfoque da segunda carta, mesmo que ela também comece pela gratidão. Na primeira carta há uma alegre permanência na recordação e gratidão em si, porque a lembrança do que fora experimentado há pouco tempo em Tessalônica preenche os corações dos autores da carta. Afinal, os três primeiros capítulos daquela carta estão repletos e perpassados dessas recordações. Agora isso passa completamente para segundo plano. O olhar está voltado para a dura aflição da igreja na perseguição e o grandioso futuro que paira sobre ela. Se pudéssemos ter a realidade dos autores e destinatários da carta naqueles dias concretamente diante de nós, com certeza entenderíamos de outra maneira a mudança de tom do escrito, e não o atribuiríamos de imediato à “inautenticidade” da carta! É como se a gratidão não jorrasse com a mesma facilidade e liberdade de coração, apesar de haver coisas boas para reportar sobre a igreja. Quantas notícias podem ter chegado acerca do aumento dos flagelos, quanta coisa os próprios autores podem ter acabado de vivenciar! Não obstante, **“cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós, irmãos”**. Mesmo quando há nuvens muito sombrias, sempre há razões em abundância para agradecer a Deus. Por isso é “apropriado” agradecer em qualquer situação, e “gratidão” constitui a primeira palavra também nesta carta.

São boas as notícias sobre a condição interior da igreja. Sua **“fé cresce vigorosamente”**, apesar de toda a pressão, talvez justamente debaixo dela. Já ouvimos na primeira carta (cf. 1Ts 3.10, acima, p. 59) que a fé não é um conjunto definido, concluso (como facilmente imaginamos a partir do difundido mal-entendido de que se trata de concordar com uma somatória da “sã doutrina”), mas sim uma vida em nosso coração que pode existir fundamentalmente e apesar disso ainda apresentar “deficiências”. A fé parece ter superado vigorosamente essas deficiências na igreja.

Também o amor – após o anseio expresso em 1Ts 4.10 – não estagnou, ele **“se multiplica”**. O texto não deixa transparecer nada da fatal “divisão de trabalho” na qual a “caridade” se torna atribuição de certos grupos ou até mesmo de certas pessoas oficialmente encarregadas. Não, esse **amor recíproco** ainda é assunto para **“cada um dentre vós todos”**.

- 4 Enquanto na primeira carta (1Ts 1.8s) os três autores enfatizaram que não têm necessidade de dizer algo a respeito de Tessalônica porque em todos os lugares se fala dela, agora eles apontam para o fato de que **“nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus”**. Isso não precisa ser uma “contradição” com 1Ts 1.8. Obviamente os mensageiros eram interrogados em Corinto e outras localidades a respeito de como as coisas continuavam em Tessalônica, justamente depois que se havia falado tanto da “entrada” do evangelho naquela cidade. Novamente os mensageiros não dizem “em nossas igrejas”. Novamente as igrejas são respeitadas em sua natureza como **“igrejas de Deus”**. É com louvor que os mensageiros respondem. A carta imediatamente faz a transição para aquilo que preenche o coração e as idéias dos autores. A saber, as informações elogiosas acerca de Tessalônica não são sobre a fé crescente e o amor que se multiplica, mas sobre **“vossa perseverança e fé em todas as vossas perseguições e aflições”**. Aparentemente a situação agravou-se um bocado. A recorrente palavra geral “aflição” (cf. acima, p. 58ss) é acompanhada aqui expressamente pelo termo “perseguição”. O quadro não se restringiu a uma série de dificuldades e aflições para os cristãos: iniciou-se uma verdadeira luta contra a igreja, com a finalidade de oprimir e aniquilá-la. O primeiro intuito da carta é fortalecer nessa situação. Na comunicação “nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus” já se percebe um encorajamento. Quando nossos três amigos se gloriam de nós, quando as outras igrejas olham para nós e contam com nossa perseverança, então não podemos decepcioná-los!
- 5 Acima de tudo, porém, Paulo emprega uma idéia que mais tarde também proporá como consolo aos filipenses (Fp 1.28). Ser perseguido e suportá-lo estão inseparavelmente ligados em um “sinal”, mais

precisamente “**um indício do justo juízo de Deus**”. Este sinal aponta para o seguinte: “**Sereis considerados dignos do reinado de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo.**” Como assim? A perseguição não é algo fortuito! A realidade de que o mundo não tolera o evangelho e a fé dos cristãos com zombaria, como se fossem uma mania inofensiva, pelo contrário, irrita-se irrita com eles, tentando aniquilá-los com todos os meios, constitui um nítido sinal de que a fé é tudo, menos uma “mania”, um conto de fadas, uma visão primitiva de mundo. É antes uma verdade, uma verdade tão certa que o mundo não consegue suportá-la! O próprio Jesus já fundamentara a profunda necessidade intrínseca do sofrimento de seus discípulos (cf. Jo 15.18-25 e outras passagens). Contudo ele também apontara pessoalmente para outra faceta da questão. Se fomos injuriados e perseguidos é porque também fomos aprovados precisamente nisso, sendo considerados pertencentes à ala da verdade e pessoas que participarão de sua vitória vindoura! “Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas” (Lc 6.22s). Perseguições e tribulações não são “refutação” de nossa fé nem da verdade em que apostamos nossa vida, mas apenas sua poderosa confirmação! Enquanto ainda estamos propensos a lamentar (“onde, afinal, está a justiça e o juízo de Deus?”), já podemos entender: constitui “**um indício do justo juízo de Deus**” justamente o fato de o mundo não tolerar tranqüilamente a mensagem, mas a perseguir, e que, apesar disso, não podemos ser separados da verdade por meio de nenhum sofrimento. O juízo vindouro de Deus já iniciou pelo fato de desmascarar o mundo como inimigo de Deus e revelar os perseguidos como herdeiros do reino. Justamente sob esse aspecto, inimigos e perseguidores do evangelho já estão condenados, e os perseguidos e sofredores por seu turno já são pessoas ditosas. Que fortalecimento para os tessalonicenses – e para muitos mais!

A GRANDE VINGANÇA VIRÁ! – 2Ts 1.6-10

- 6 – Se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam**
- 7 – e a vós, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder**
- 8 – em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.**
- 9 – Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder,**
- 10 – quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho).**

- 6 Prossegue a linha de pensamento do bloco anterior. Enquanto, contrariando todas as aparências, aquilo que experimentaram até então era “sinal do justo juízo de Deus”, agora é o próprio juízo que passa a ser focado. “**Se, de fato, é justo perante Deus.**” O “perante” Deus tem aqui o sentido de “segundo o julgamento de Deus, na perspectiva de Deus”. Apesar de todas as distorções e obscurecimentos humanos nossa indelével noção de “justiça” não é devaneio subjetivo. Existem coisas que também aos olhos de Deus e conforme seu juízo são “justas”. “Deus” e “justiça” formam uma unidade. Por isso a Bíblia toda testemunha acerca da justiça de Deus, inclusive de sua justiça vingadora. Por essa razão não devemos nos surpreender com o presente texto. Sim, uma cristandade excessivamente acostumada à “graça barata” tem necessidade especial da séria franqueza, e uma igreja que novamente vai ao encontro do sofrimento tem necessidade do vigoroso consolo deste bloco.
- 7 “**Tribulação aos atribuladores, aos atribulados alívio**”, esse é um princípio básico da justiça. Deus pode quebrá-lo com graça especial, como no caso do perseguidor Saulo de Tarso. Mas o princípio em si não é anulado por esse tipo de graça, e sim confirmado. Ele é “justo” até mesmo “com Deus”. Por essa razão podemos contar tão firmemente com ele. É uma certeza profunda do mais íntimo de nosso coração que um dia aquilo que é justo haverá de se tornar plena realidade.

Ao “**alívio**” os mensageiros acrescentam um “**juntamente conosco**”. A medida das aflições é variada e variável, mas a grande tranqüilidade após a luta é concedida a todos em conjunto, mediante uma grande comunhão. Ressoa aqui o “simultaneamente” de 1Ts 4.17 e 5.10.

Quando acontecerá tudo isso? A resposta é inequívoca para o NT: **“na revelação do Senhor Jesus”**. Há muito tempo Israel sabia sobre o dia da justiça, o dia da retribuição, o “dia de Deus”. O mais antigo dos profetas literários, Amós, falava dele como de algo conhecido, e até mesmo almejado (Am 5.18). Por isso não causa surpresa que a descrição subsequente do dia do juízo esteja emoldurada por citações do AT. Sl 79.5 e Is 66.15 já falavam das chamas ardentes. Sl 79.6 e Jr 10.25 falaram do juízo sobre os povos que não conhecem a Deus. Is 2, especialmente nos v. 10,11,17,19,21 atestou o juízo de Deus em sua sublimidade e suprema majestade. Is 49.3; 66.5 e Sl 68.35 noticiam a demonstração da honra de Deus. A assembléia dos santos como lugar da glorificação de Deus é citada no Sl 89.7. Como base foi tomado o texto da conhecida tradução grega do AT, a chamada “Septuaginta” [LXX]. Não devemos estranhar se em nossas traduções da Bíblia as citações não aparecem com a mesma clareza. Mas assim como o primeiro cristianismo, conduzido pelo Espírito Santo, lia e reinterpretava o AT a partir do cumprimento em Jesus, assim também todas essas declarações dos salmos e profetas representam realidade viva **“na revelação do Senhor Jesus”**.

O que acontecerá então? Jesus, agora oculto, incompreendido, desprezado, “se revela”, torna-se irrefutavelmente visível para todos. Isso terá de acontecer um dia, tão certo como Jesus é o Filho de Deus, o Filho do Homem, o Senhor, o Juiz do mundo e o Consumador do universo. É impossível que continue sendo eternamente aquele que o mundo despreza. Precisa cumprir suas próprias declarações de Mt 25.31 e da hora decisiva de seu processo perante o Sinédrio, em Mt 26.64. Então chegará **“do céu”**, onde está entronizado agora, aguardando à direita do Pai. Ele vem **“com os anjos de seu poder”**. Já durante sua vida na terra os anjos o rodeavam e serviam. Mas é como se naquele tempo precisassem se inserir na humildade e pobreza do Filho. Como é discreto o serviço deles! O Filho não pediu ao Pai que mandasse as legiões de poderosa proteção dos anjos. O serviço dos anjos durante o tempo do evangelho é basicamente de proclamação, e uma vez ou outra de cordial ajuda. Agora, porém, Jesus vem com os “anjos de seu poder”! Agora também eles saem da discrição e se mostram como mensageiros solícitos de sua onipotência universalmente transformadora e de sua soberania real! Ao mesmo tempo ele vem **“com fogo flamejante”**. Vem, portanto, com juízo eficaz, que consome tudo que é impuro e maligno, e que também foi visto em 1Co 3.13-15, assim como já em Mt 4 e por João Batista na metáfora do fogo.

- 8 Haveria aqui alguma coisa que não se enquadre no evangelho, contradiga a proclamação apostólica e impeça a autenticidade da carta? Ou pelo menos algo que precisássemos rejeitar em nosso íntimo? Quando transformamos Jesus em mero “amigo da alma” e nos acostumamos a uma análise meramente intimista e individualista das coisas – a Bíblia sempre foi um livro de amplitude universal, agrupado em torno do grande agir de Deus, e a proclamação do NT sempre foi um grito público de proclamação, que trazia em seu cerne justamente o anúncio do juízo com toda a magnitude e com total seriedade. Também na primeira carta lemos diversas vezes (1Ts 1.10; 5.9) e de forma enfática acerca da ira de Deus e recordamos testemunhos tão essenciais como o discurso no areópago e a carta de Paulo aos romanos (At 17.30s; Rm 2.5-11; 2.16).

Ou haveria, na continuação do relato, falsos “pensamentos de vingança”? É verdade: naquele dia Jesus é o **“executor da vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”**. Contudo, se fosse diferente, será que qualquer fala sobre o juízo e a ira não perderia de fato a seriedade e o realismo? Porventura negar ou ignorar a Deus e rejeitar a mensagem redentora significam algo banal? Afinal, “não conhecer a Deus” não é uma deficiência intelectual ou questão de opinião pessoal, mas sempre uma resistência oculta, uma hostilidade extrema do coração, que se esconde por trás de razões “científicas” e outras. Por isso ela emerge no ódio contra a mensagem e os mensageiros de Deus, revelando assim que não é mera “deficiência”, mero “ponto de vista”, mas negação ativa, deliberada. “Não conhecer a Deus” nunca é “ateísmo”, mas sempre “antiteísmo”. Será que essa hostilidade contra o santo Deus vivo jamais haveria de ser publicamente desmascarada, julgada e punida?! Ainda que lamentemos a “crueldade” de Deus, o Filho, que amou os pecadores como nenhum outro, mas para o qual importavam, também como a nenhum outro, a honra e o direito de Deus, executará a sentença naqueles que não conhecem a Deus!

Da mesma forma o “não” ao evangelho não é apenas um ato mental sem comprometimento, com o qual pudéssemos brincar intelectualmente sem maiores conseqüências, mas de fato uma decisão de “não obedecer”, como formulam os três autores. Quem rejeita “salvação” não pode nunca se lamentar a respeito da dureza e injustiça quando enfim é entregue à perdição. Quem repele a bóia

salva-vidas tem de se afogar. O rebelde que despreza a oferta imerecida e incompreensível da graça de seu rei não pode se admirar quando o juízo mortal avança em seguida e a espada o atinge. Também aqui a carta não diz nada que o evangelho como um todo não tenha dito. A mensagem da graça redentora perderia sentido se não existisse “perdição” da qual tivéssemos de ser redimidos. A graça já não seria “graça” real se não existisse uma ira flamejante que nos atingiria sem essa graça. Por isso é precisamente o Redentor, o Salvador dos pecadores, o portador da graça, Jesus, que precisou se entregar pessoalmente às chamas da ira e que se torna executor da punição naqueles que rejeitam seu evangelho, ou seja, precisamente a mensagem de seu caminho vicário ao juízo em nosso favor.

Aqui também foi evitado qualquer “moralismo”! O castigo não é promulgado sobre todo tipo de pecados e transgressões específicas. Todos eles em si não levariam pessoas à perdição eterna, porque Jesus na verdade se tornou “a reconciliação por nossos pecados, mas não apenas pelos nossos, e sim também pelos do mundo inteiro” (1Jo 2.2). Ainda que nossos pecados sejam escarlates, podem e hão de se tornar brancos como a neve. Não, aqui o juízo enfoca somente uma única coisa: nossa posição perante Deus e Jesus. A formulação a respeito daqueles “que não conhecem a Deus” pode visar, de acordo com uma antiga expressão bíblica, especialmente as “nações”, os “gentios”; aqueles que “não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”, conforme passagens como Rm 10.3,16, pode referir-se especialmente os judeus. Mas isso não é muito relevante. Importante para toda a mensagem do juízo, para nossa proclamação e para nós pessoalmente é uma só coisa: nosso destino eterno se decide exclusivamente no evangelho e em nosso posicionamento diante dele! Não é o rompimento com a lei, mas a rejeição da preciosa graça que traz a perdição eterna.

- 9 Por isso trata-se de uma verdade inegável: **“sofrerão penalidade de eterna destruição, para longe da face do Senhor e da glória do seu poder.”** Essa “destruição” também foi assunto da primeira carta (1Ts 5.3), onde se destacou seu caráter repentino. Aqui ela é caracterizada como “eterna”. É verdade que na Bíblia não existe o conceito abstrato, filosófico de eternidade. O adjetivo “eterno” foi derivado de *aión* = “era”. Aos olhos das testemunhas do NT não se descortinava uma “eternidade” vazia, quase que pontual, mas uma plenitude de éons vindouros (cf. especialmente Ef 2.7). Afinal, trata-se de um “mundo” totalmente novo, de “novo céu e nova terra” (2Pe 3.13; Ap 21.1) que são aguardados. Apesar disso está equivocada a “doutrina da reconciliação universal” quando, apelando para esses fatos, nega a perdição “eterna”, tentando transformá-la em “apenas eônica”, i. é, temporalmente limitada. Nesse caso também a “vida eterna” e até mesmo o “poder eterno” de Deus (1Tm 6.16) seriam apenas “temporais”. Não: “eônico” certamente significa “eterno”, ainda que uma eternidade concreta e plena. No adjetivo “eônico” reside a mesma “eternidade” ilimitada que é tantas vezes expressa pela locução “para os éons dos éons” (na tradução de Almeida: “pelos séculos dos séculos”). Nesse caso, porém, a “perdição eterna” como castigo para pecados temporais não é injusta e cruel? Contudo não se trata de atos pecaminosos isolados e temporais, mas do “não” a Deus e da rejeição da graça redentora! O próprio relacionamento com Deus, com o “Rei dos éons” (1Tm 1.17), é essencialmente “eônico”, tanto no “sim” quanto no “não”. Talvez seja por isso que na frase seguinte **“perdição eterna da face do Senhor e da glória de seu poder”** precisamos entender o termo hebraico *miphne*, inicialmente traduzido de forma neutra com “de”, como réplica de “para longe de...” ou “longe de...”, como faz a tradução alemã de Menge. Quem não deseja conhecer a Deus, rejeitando por isso também sua preciosa oferta da graça, selada com sangue no evangelho, terá e há de ficar longe de Deus pelos éons futuros, “longe da face do Senhor e distante da glória de seu poder”. Isso, contudo, é “perdição eterna” e “morte eterna”. São aquelas “trevas extremas” da qual ninguém falou tantas vezes e com tanta gravidade como o Salvador que se compadece (Mt 22.13; etc.), tão certo como Deus é a fonte da vida e nós vemos a luz unicamente na luz dele (Sl 36.9). Novamente fica evidente que nossa rejeição de Deus não é inócua. Ela é separação proposital da vida e, por conseqüência, morte total e eterna. Sendo assim, com que seriedade precisamos entregar essa mensagem! Como é necessária para nós essa segunda carta aos Tessalonicenses, para nos livrar da relativização e da falsa tranqüilidade, que deterioram hoje uma grande medida de nossa pregação e evangelização! Queira o Espírito Santo, que ao ditar a carta colocou nos lábios dos três mensageiros o presente trecho, inserir de modo indelével em nosso coração, de forma muito pessoal e também para nosso testemunho, que um dia Jesus, quando se manifestar, julgará com grande seriedade, e que é algo terrível ser destinado à perdição eterna!

10 No entanto, apesar dessa profunda gravidade, o presente bloco está completamente isento daquele anseio de vingança a que se inclina a pessoa perseguida e sofredora. Não apresenta nenhuma ilustração da pena que atinge os perseguidores, e tampouco uma descrição do triunfo e do gozo dos que agora padecem. Restringe-se às duas breves palavras “refrigério, paz” e “perdição”. E de forma genuinamente bíblica a posição central é de Deus, o direito de Deus e a honra de Deus. Por isso os redimidos e sua beatitude passam totalmente para o segundo plano, quando em seguida se faz alusão ao alvo positivo “daquele dia”: **“quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que chegaram à fé.”** O alvo não é glorificar e admirar os fiéis que suportaram com constância tamanho sofrimento. Não, “glorificado” e “admirado” é somente ele, o próprio Senhor! É evidente que aqueles fiéis, que são “santos” e “chegaram à fé”, pertencem diretamente a ele. Porque “em” todos eles acontece a glorificação de seu Senhor. Acontece que a preposição grega *en* pode significar tanto “dentro de” como “apegado a”, sendo que o “dentro de” por sua vez pode ter mais a conotação de “no meio deles” ou de “por meio deles”. O mesmo *en* é usado no evangelho de João, quando Jesus, em Jo 13.31; 14.13; 15.8; 17.10, fala da glorificação do Pai no Filho e do Filho no Pai e nos seus. Também aqui o *en* é um “apegado a” e ao mesmo tempo, de forma ainda mais essencial, um “dentro de”. Sim, naquele dia tudo estará simultaneamente presente: os santos e crentes são o espaço em que a glória do Senhor será vista e admirada. Eles ofertam o louvor da admiração e adoração. Mas justamente sua existência como “santos” e “crentes” revela a glória extraordinária de Deus e do Cordeiro, que transformou pecadores perdidos e malditos nesses “santos”. Sim, então a santidade deles será inerente (1Ts 5.23!), por meio da qual transparece a própria natureza santa de Deus. Algo desse “glorificado em seus santos e admirado em todos que vieram a crer” repercute no hino de Ernst G. Woltersdorf [1725-1761] acerca da noiva do Cordeiro:

Obra de Deus maravilhada,
Alvo que seu coração vislumbrou.
Peça magistral, feita do nada,
O sangue de Cristo a alcançou!
Serafins, sondai e adorai agora,
Admirai, jubilai e graças dai sem demora!

Por isso, que dia será “aquele dia” para os crentes! Vale a pena sofrer por isso. É verdade, “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Vemos que estamos completamente imersos em raciocínios “paulinos”. Também é plenamente “paulino” que as pessoas que naquele dia experimentarão a glória do Senhor não sejam caracterizadas por nenhuma virtude ou realização, mas apenas por um único fato: **“chegaram à fé”**. Nesse ponto os destinatários da carta são pessoalmente envolvidos de maneira elegante por meio da comovida intercalação **“porque foi crido nosso testemunho em vós!”**. Tudo o que a primeira carta descreveu em detalhes e com radiante amor e alegria (1Ts 1.4-10; 2.1-12 e 17-20; 3.1-8) ressoa mais uma vez nessa breve frase. Naquele dia o Senhor encontrará os que chegaram à fé, nos quais ele pode ser glorificado e admirado – inclusive em Tessalônica! Graças a Deus, o milagre aconteceu também lá: pessoas que antes “não conheciam a Deus” dão crédito à mensagem dos três.

Do mesmo modo como em 1Ts 5.1-11, coincidem na narrativa da carta, em um só grande ato, o juízo sobre o mundo incrédulo e a glorificação do Senhor nos seus. Na seqüência aqui a execução do castigo é citada até mesmo *antes* da transfiguração da igreja. Nenhuma palavra alude a que esse “ser glorificado e admirado em todos os que chegaram à fé” seja muito anterior à revelação julgadora sobre o mundo e aconteça de forma separada dela ao longo de um demorado período de tempo. Portanto, assim como em 1Ts 5.1-11, precisamos supor também conforme a presente exposição que em 1Ts 4.13-18 se trata de um verdadeiro “acolhimento”, imediatamente seguido pela descida à terra para derrubar o anticristo e punir os rebeldes.

DO GRANDE ALVO RESULTA A INTERCESSÃO EM PROL DA IGREJA – 2Ts 1.11s

11 – Por isso, também não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé,

12 – a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós, nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

11 O grande dia e o grande alvo foram expostos à igreja perseguida para fortalecê-la em sua grave situação. Será que a igreja chegará ao alvo? **“Em vista disso também oramos todo o tempo por vós.”** Isso ainda é necessário? Porventura os mensageiros não acabaram de dizer com toda a alegria que também os tessalonicenses estarão lá no alvo, “porque foi crido nosso testemunho em vós”? Será que isso repentinamente volta a ficar incerto? Tratava-se apenas de uma frase devota? Quase parece ser essa a situação quando entendemos o **“que vos torne dignos da vocação nosso Deus”** como conteúdo da intercessão. Como assim? Porventura os tessalonicenses ainda precisam ser primeiro “chamados” por Deus? O mal-estar inspirado por essa frase se reflete no fato de que tanto a tradução de Menge como a de Zurique consideram necessário um adendo explicativo: que Deus vos torne dignos da vocação “definitiva”. Porém, é possível que seja esse o sentido? Será que a “eleição”, de que falava 1Ts 1.4, e a irrupção da palavra em Tessalônica são apenas uma vocação “provisória”, que ainda precisa ser seguida por uma “definitiva” – e quando, afinal? Impossível! Os tessalonicenses foram clara e inequivocamente chamados. Mas a eleição e a vocação de Deus, por mais sólida que sejam, nunca representam algo mecânico, e jamais poderão ser assim, tão certo como estão sendo propiciadas a pessoas vivas que vivem uma vida genuína, isto é, uma vida plena de decisões. Já na primeira carta Paulo falou de sua ardente preocupação com a igreja, apesar de toda a profunda e grata alegria por ela. O perigo de os tessalonicenses sucumbirem à pressão, assim tornando seu trabalho vão (1Ts 3.5), era para ele uma grave e iminente possibilidade. Da mesma forma os mensageiros, na época de sua atuação, haviam exortado a cada um, e até mesmo os “conjuraram”, a viver de modo digno da grande vocação: logo, nem mesmo isso funciona automaticamente com base na eleição e conversão. É por isso que também agora, com vistas à distância que ainda precisa ser percorrida na dura trajetória até o alvo, emerge a ardente prece em prol da igreja. O termo “dignificar” deve ter aqui o sentido de “tornar digno”: Deus torne a igreja digna da vocação dirigida a ela e aceita por ela. “Viver dignamente” por parte da igreja e “tornar digno” por parte de Deus estão relacionados entre si da mesma forma como o NT sempre enfatiza o agir de Deus e a ação do ser humano com a mesma intensidade, sem harmonização lógica. Ambas são absolutamente necessárias para que a igreja chegue ao glorioso destino.

Na verdade, na igreja tudo começou de maneira autêntica e experimenta um vigoroso crescimento. Os mensageiros atestaram esse fato há pouco (no v. 3). Agora, porém, tudo isso precisa ser “levado à perfeição”. Trata-se, no entanto, novamente de uma dádiva de Deus, motivo pelo qual é suplicada aqui. Mas Deus a concede de tal maneira que o presente realmente passe a ser posse pessoal do ser humano. Deus age de tal forma que disso se forma a atuação viva, própria do ser humano. Filhos de Deus não podem ser “aperfeiçoados” da forma como se arremata um móvel inanimado, sem participação pessoal. O que precisa **“ser levado à perfeição”** é justamente a atuação da igreja, **“toda resolução da bondade e obra da fé”**. A primeira carta já falava da “obra da fé” (cf. o comentário a respeito de 1Ts 1.3, p. 30). Aqui se acrescentou a “resolução da bondade”. Também esse é um genitivo do sujeito: não se trata de uma decisão em favor da bondade, mas – em analogia com a obra da fé – de toda resolução tomada pela bondade. A “bondade”, portanto, constitui, como a fé, uma determinação básica do cristão, da qual brota cada uma de suas decisões. Mas a bondade em si emana de Deus, assim como a fé é obra de Deus no ser humano. Por isso ambas são objeto de oração e intercessão. Todas essas resoluções e obras devem ser levadas à perfeição “com poder”. De forma claramente diferente de nossa atitude costumeira, que constantemente salienta a impotência e nulidade também do cristão e que, não obstante todos os lamentos as considera normais, os apóstolos rogaram – e logo também esperavam – por igrejas vigorosas, nas quais as “resoluções da bondade” são de fato tomadas e as “obras da fé” são vigorosamente praticadas. Os apóstolos tampouco pensam que tudo permanecerá precário para sempre, mas com audácia suplicaram pelo “perfeito” de Deus, sem ceder no medo do “perfeccionismo” e “orgulho”. Teriam classificado, por fim, nossa pretensa “modéstia” como mera preguiça e covardia. Real objetividade e modéstia são características justamente daquele que se encontra no engajamento resoluto e na atividade intensa e que por isso sabe o quanto resta a ser feito e como o campo do trabalho se amplia em proporção imensurável.

12 O olhar dirige-se novamente para o alvo: **“para que seja glorificado o nome de nosso Senhor Jesus em vós e vós nele.”** Mais uma vez o alvo é visto tanto de forma desinteressada como

tremenda. Não está em jogo a “beatitude”, como geralmente entendemos o termo hoje em dia, de modo egoísta e sentimental. Trata-se de “glória”. Unicamente ela é o verdadeiro “alvo”. Contudo, tampouco agora se trata primordialmente da nossa glória! A carta considera que alvo supremo de toda a história universal, com seu cerne decisivo, a história da igreja, é que o nome de Jesus seja glorificado. Quem conhece a Jesus, quem deve ao amor de Jesus sua redenção eterna e por isso ama e honra o nome de Jesus acima de todos os outros nomes, concorda de coração com a carta. A igreja de Jesus, por sua vez, não tem prejuízos com isso! Porque aqui a glorificação de Jesus em sua igreja e a glorificação da igreja em Jesus estão imbricadas de forma tão recíproca como a glorificação do Pai no Filho e do Filho no Pai por meio de Jesus no evangelho de João. Quando o agir de Deus em uma igreja “leva vigorosamente à perfeição toda resolução da bondade e toda obra da fé”, então dentro de e junto a essa igreja é “glorificado o nome de Jesus”, assim como a igreja por seu turno é glorificada em Jesus.

Para que de fato chegue a esse ponto, isso se dá “**segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo**”. Nessa frase não se entende a graça como “quebra-galho”. Aqui o alvo – independentemente se isso nos parece teologicamente correto ou não – não é visto como uma igreja de fracassos, vazia e impotente que acaba indo para o céu por pura graça, mas que o nome de Jesus brilhe intensamente a partir de uma igreja vigorosa levada à perfeição, por meio do que essa igreja, por sua vez, é de fato, e não apenas dogmaticamente, uma igreja “gloriosa” em Jesus.

A IGREJA PRECISA DE CLAREZA SÓBRIA EM VISTA DA HISTÓRIA DO FIM – 2Ts 2.1-12

- 1 – Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos,**
- 2 – a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor,**
- 3 – Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição,**
- 4 – o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.**
- 5 – Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?**
- 6 – E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria.**
- 7 – Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém.**
- 8 – então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda,**
- 9 – Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira**
- 10 – e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.**
- 11 – É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira,**
- 12 – a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.**

1s Agora, quando também a segunda carta, semelhantemente à primeira, nos conduz ao grande tema da escatologia, permitamos de imediato que sua exortação de “**que não vos deixeis abalar rapidamente para longe da razão**” seja dita também a nós mesmos em relação a toda a análise das questões escatológicas. Porque é nesse ponto que a paixão inflamada se alastra com especial facilidade. Precisamente pelo fato de a profecia do futuro ser o que é, e não relato de história passada nem desdobramento de doutrina clara, obtida do agir de Deus, ela nunca é tão “inequívoca” como esta. Essa simples razão basta para tornar a tradução de um texto bíblico bem mais difícil e incerta do que no caso dos livros históricos e doutrinários. Especialmente a explicação e compreensão de passagens específicas, bem como a correlação correta entre si, apresentam dificuldades muito grandes. Esse é o motivo por que também pesquisadores renomados, sérios e dedicados da Escritura

Sagrada com razão chegaram e ainda chegam a resultados muito diversos. Em uma situação dessas reside o grande perigo de que nos tornemos “adeptos” dessa ou daquela opinião e explicação, que passamos a apresentar e defender com certa paixão, justamente porque outros discordam dela com argumentos não desprezíveis. Esse tipo de paixão cerra ouvidos e olhos, de modo que de fato já não ouvimos a Escritura e não conseguimos mais captar suas linhas com clareza e fidelidade. Muito melhor é deixar determinadas questões em aberto, admitir com probidade que aqui ou acolá ainda não conseguimos chegar a nenhuma clareza, e também reconhecer que sentimos asserções da Escritura como contraditórias e que ainda não somos capazes de vê-las em conjunto. Então teremos a liberdade de continuar a ler e aprender, ouvindo a Escritura sem constrangimentos, até que Deus responda nossas perguntas por meio de sua palavra, talvez de forma bem surpreendente, solucionando as aparentes contradições. O leitor, portanto, é solicitado a ponderar tranqüilamente conosco o texto da presente carta e também a não permitir que opiniões anteriores o impeçam de ouvir de forma nova e plena as afirmações do texto.

Na igreja dos tessalonicenses formaram-se novamente inquietações na questão “**da parusia de nosso Senhor Jesus Cristo e de nossa reunião para junto dele**”, ou seja, em relação ao assunto tratado em 1Ts 4.13-18. Essa inquietação se tornou tão considerável que os mensageiros de Jesus precisam “**rogar**”: “Não vos deixeis abalar rapidamente, afastando-vos da razão.” O termo grego *nous*, aqui traduzido com o substantivo “razão”, traz consigo um significado muito mais rico. Em 1Co 2.16 fala-se do *nous* de Deus ou de Cristo. Logo a palavra abarca a totalidade da vida intelectual interior, mas evidentemente – como revela com especial clareza a controvérsia sobre o falar em línguas em 1Co 14 – diz respeito a uma vida intelectual clara, consciente, cônica de si mesma. É desse tipo de vida intelectual que os tessalonicenses não devem se deixar distanciar por abalos e agitações. Ocorre aqui, exatamente como em 1Co 14, a maior valorização do *nous* em relação a tudo que é agitado e extático.

O que desequilibrou os tessalonicenses, ou o que ameaça entregá-los a uma agitação incerta? “**O dia do Senhor chegou!**” anunciam pessoas alvoroçadas em Tessalônica. O Espírito Santo comunicou isso por meio de profecias! Paulo e seus colaboradores também dizem isso! Até mesmo registraram isso em uma carta!

Como compreenderemos isso? Afinal, qualquer pessoa notaria que os acontecimentos propostos com tanto clareza à igreja pela primeira carta em 1Ts 4.13-18 ainda não haviam transcorrido! Obviamente eles ainda não tinham sido “arreatados”! Foi exatamente este fato, defende O. Stockmayer, que tanto abalou os tessalonicenses: a parusia e arrebatamento já haviam ocorrido e eles – ficaram de fora! Inicialmente essa explicação constitui uma solução surpreendente. Mas dificilmente se sustenta. Na exposição em 1Ts 4.13-18 não existe o menor vestígio da opinião de que somente um número específico da igreja será arrebatado, enquanto outros membros cristãos da igreja ficam para trás. Como, pois, os tessalonicenses, depois do ensino apostólico recebido, poderiam ter chegado à idéia de que todos tinham sido preteridos como ainda não suficientemente dignos do arrebatamento! Ademais, nesse caso precisariam considerar que o próprio Paulo não tinha sido arrebatado, uma vez que afirmavam ter recebido dele uma carta com a notícia da parusia e do arrebatamento já acontecidos!

Não, “o dia do Senhor chegou!” também pode ser reproduzido por “o dia do Senhor está às portas”. Até mesmo em nosso idioma usamos expressões semelhantes. No dia 23 de dezembro é possível uma pessoa dizer diga a outra: “Chegou novamente o Natal”. Ou em vista do acirramento de uma situação política pode opinar que “a guerra chegou!”, até mesmo quando as declarações de guerra ainda não foram emitidas e os primeiros tiros ainda não foram disparados. Mas também nesse caso: como foi que a agitada e agitadora opinião “agora tudo acontecerá imediatamente!” surgiu em Tessalônica? Esta possibilidade não está na própria magnitude e no ímpeto da esperança e expectativa? Foi o próprio Jesus que fez esta previsão: “Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis” (Lc 17.22). Precisamente em relação a essa época de acalorada e não obstante ainda frustrante expectativa ele advertiu contra “deixar-se alvoroçar” (Mt 24.6, a mesma palavra usada no presente texto) e contra aqueles que tentarão conduzir para o caminho errado (Mt 24.4; Lc 17.23). O próprio Jesus, portanto, contou com exatamente aquilo que começava a acontecer em Tessalônica. Quem espera de forma real e séria gosta de ouvir a notícia: “Agora chegou o que se esperava!” Uma igreja duramente acossada e sofredora naturalmente presta atenção quando ouve a notícia de que o dia do Senhor chegou, e em breve toda aflição acabará!

No entanto, em Tessalônica não era apenas essa notícia em si que teve esse impacto, causando a agitação. A notícia teve tanta penetração porque veio à igreja “**quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como através de nós**”. Qual é o significado disso? Muitas vezes as palavras “como através de nós” foram relacionadas com o último elemento direto da seqüência, e tenta-se entender “epístola através de nós” como uma carta plagiada de Paulo. Isso parecia ser corroborado pela observação de 2Ts 3.17, onde Paulo, através de sua saudação de próprio punho, evidentemente daria à carta um selo de autenticidade que o distinguisse de tais falsificações. Todavia de imediato surgem consideráveis ressalvas contra essa concepção (que depois se somaram à alegação de que a carta não é autêntica). Seria imaginável que na época dos primórdios da missão de Paulo na Europa fosse possível confeccionar e enviar cartas falsas de Paulo? E isso a uma igreja que poucos meses antes recebera a primeira carta do apóstolo, pouco depois de sua fundação? Além do mais, será que Paulo não teria agido de forma bem diferente em relação a uma falsificação dessas, do que apenas inserindo uma breve nota neste texto? Contudo o teor da frase de forma alguma nos obriga a pensar em uma falsificação da carta! O “como através de nós” pode fazer parte de todos os três elementos, designando tão somente a circunstância de que na excitante mensagem as pessoas se reportavam de um ou outro modo a uma revelação do Espírito ou a uma palavra oral ou escrita dos fundadores da igreja. A “palavra epistolar” pode muito bem ser a mal-interpretada primeira carta aos Tessalonicenses ou qualquer outra manifestação escrita do apóstolo, supostamente lida em outro local. Exatamente por isso Paulo aprofunda aqui essa questão, escolhendo uma expressão geral e flutuante. Então o “como através de nós” significaria o mesmo que “recorrendo a nós”.

No entanto não deixa de ser bastante característico que o alvoroço apaixonado na afirmação sobre a iminente irrupção das últimas coisas compromete desde já o senso de verdade e leva a recorrer de forma inescrupulosa a “meios de demonstração” muito duvidosos para confirmar a fanática opinião pessoal. Repetidamente aconteceram fatos semelhantes na história da igreja de Jesus! O verdadeiro “fanatismo” sempre pode ser reconhecido pelo fato de violar princípios éticos elementares e sobrepor-se presunçosamente à probidade e veracidade.

- 3 Contrariando tudo isso os mensageiros de Jesus pedem a seus irmãos em Tessalônica que permaneçam no raciocínio sereno e claro, não se curvando precipitadamente diante destes recursos ao “Espírito” e à “palavra e carta dos mensageiros”. Como isso é importante para nós! Aqui começa com profunda seriedade aquele “examinar” que é expressamente imperioso também diante de “profecias”, não tolerando de forma alguma qualquer imprecisão e falta de veracidade nos demais meios de comprovação. É consolador, mas também duro para nós, saber que naquele tempo as primeiras igrejas já precisavam levar em conta que pessoas tentariam “**defraudar**” e recorreriam a “**todas as maneiras**”, inclusive às “devotas”, apelando inapropriadamente tanto para o Espírito Santo quanto para a palavra e carta de autoridades espirituais. Não devemos nos admirar de que essas coisas existem também hoje, e ao mesmo tempo estaremos mais séria e determinadamente precavidos. Notamos porque o Senhor permitiu que essa segunda carta aos Tessalonicenses fosse escrita e preservada para nós. No entanto igualmente será inadmissível que nos elevemos de forma tão barata e farisaica acima daqueles que suscitaram essas notícias, e daqueles que foram agitados por elas. Um cristianismo sem coração e indiferente evidentemente fica exposto a esses perigos, porque já não ama a Jesus, motivo pelo qual também não o aguarda mais. O “fanatismo” constitui ameaça apenas para igrejas vivas. A superioridade autoconfiante em relação a qualquer “fanatismo”, portanto, não passa de um sinal de morte, da qual, no entanto, não deveríamos nos gloriar!

Agora, porém, precisamos nos debruçar com seriedade ainda maior sobre o que os três mensageiros de Jesus dizem à igreja a fim de fundamentar sua advertência. Na seqüência aparece uma justificativa clara que começa com um “porque”. A frase assim iniciada, porém, é incompleta, como devemos ter notado ao ler o texto, uma frase secundária com “se” sem frase principal: “Porque se não acontecer primeiro isso e aquilo...”. Em seguida deveria vir: “então isso não pode acontecer”. Ou será que por trás do “porque” está embutida uma breve frase inicial, não escrita: “Porque tudo isso não pode acontecer, se não primeiro...”. Independentemente, porém, de como entendermos e complementarmos a frase, o sentido da declaração como um todo é inequívoco: não vos deixeis alvoroçar precipitadamente em relação à parusia e ao arrebatamento pela declaração de que o dia do Senhor chegou. Porque o grande dia com parusia e arrebatamento não pode acontecer a menos que primeiro venha a apostasia e se manifeste o anticristo! Assim como em 1Ts 5.1-4 e 2Ts 1.6-8, a parusia como meio de reunir e aperfeiçoar a igreja nova-mente está estreitamente conectada ao dia do

Senhor para o mundo. É bem verdade que em termos de *conteúdo* se trata de dois eventos basicamente distintos. São tão fundamentalmente distintos que em 1Ts 4.13-18 o primeiro pode ser descrito de forma isolada. Jesus realmente virá primeiro apenas para sua amada igreja. Ele interrompe seu caminho nos ares ainda *antes* de chegar à terra, reunindo e aperfeiçoando ali os seus. Mas apesar disso ambos são esperados como ato único logo depois, em 1Ts 5.1-4 e em 2Ts 1.6-8. É o *mesmo* “dia” que sobrevém ao mundo como um assaltante que traz destruição súbita, mas não surpreende a igreja que já vive a partir do dia que traz perdição ao mundo hostil a Deus e alívio à igreja afligida. A muito propalada opinião de que a parusia acontece em total desconexão com a vinda de Jesus para assumir o poder no mundo, podendo portanto ocorrer a qualquer instante, até mesmo quando para a manifestação de Jesus perante o mundo ainda tiverem de acontecer muitas coisas e talvez ainda passe muito tempo, essa opinião não é sustentada pelas duas cartas aos Tessalonicenses e sobretudo não por meio do texto aqui analisado. Toda a prece e exortação: “No que tange à parusia do Senhor e nossa reunião com ele, não vos deixeis abalar rapidamente por notícias alarmantes, afinal é preciso que primeiro venham a apostasia e o anticristo!”, perderiam qualquer fundamento e jamais poderiam ter sido escritas assim, ainda que Paulo estivesse convicto de que para o mundo o “dia do Senhor” seria algo completamente diferente do que a parusia é para a igreja. Obviamente aquele somente poderá acontecer quando o desenvolvimento da história universal tiver amadurecido com o reino anticristão, ao passo que esta poderia ocorrer a qualquer momento, independentemente do resto. Nesse caso a carta deveria ter dito exatamente o oposto: é muito bom que estejais tão saudavelmente excitados! Por um lado o “dia do Senhor” ainda não chegou para o mundo. Primeiro será preciso que muitas coisas aconteçam nesse sentido. Mas, por outro lado, parusia e arrebatamento de fato podem acontecer a qualquer instante. É preciso distinguir muito bem ambas as coisas! Contudo foi justamente isso que os mensageiros de Jesus não escreveram. Relacionaram a alarmante notícia “o dia do Senhor chegou” com a parusia e o arrebatamento e por isso constataram também, **“no que tange à parusia de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa reunião para junto dele”**, que ela não acontecerá **“se não tiver vindo primeiro a apostasia e sido revelado o ser humano da anomia”**.

Entretanto, porventura isso não contradiz nitidamente o que Paulo dissera à igreja na primeira carta, particularmente em 1Ts 5.2: o dia do Senhor vem “como um ladrão na noite”, de forma imprevisivelmente repentina? De fato há pesquisadores teológicos que opinam dessa forma e por isso declaram 2Ts como não-autêntica. Paulo jamais poderia ser o autor de tal contradição, que, depois da primeira carta, escreve aos tessalonicenses o contrário do que fora exposto poucos meses antes. E ainda por cima afirmando que já havia lhes explicado tudo isso anteriormente! Se Paulo realmente tivesse descrito o desenvolvimento escatológico incluindo a apostasia, o mistério da anomia, daquele que “detém”, e a manifestação do “ser humano da anomia” já na instrução oral à igreja, então ele jamais poderia ter lhes escrito sobre o tema “tempos e prazos” em 1Ts 5.1ss da maneira como de fato escreveu. Do contrário, naquela oportunidade já deveria tê-los lembrado de tudo o que é apresentado agora, nesta passagem!

Em contraposição já apontamos acima (p. 80 e 81, notas 68 e 69) para o fato de que a mesma “contradição” perpassa o discurso do Senhor Jesus em Mt 24! Ela é inerente à escatologia! Ela trata de história do fim, ou seja, de desdobramento e amadurecimento históricos, que passam por seus estágios e requerem seu tempo (cf. também acima, p. 80, nota 67). Por isso a Bíblia gosta tanto de falar da história do fim usando a metáfora da “colheita”. Ao mesmo tempo, porém, acontecem nela intervenções do alto que vêm “de repente”. Já era assim na história antiga do agir divino: o dilúvio não veio “subitamente”. Deus esperou com infinita paciência e chamou ao arrependimento. Então, porém, ele chegou “de repente”, enviando súbita destruição sobre uma geração segura de si, e com certeza “subitamente” para o próprio Noé, apesar de toda a expectativa. O próprio Jesus traça essa comparação em seu discurso escatológico (Mt 24.37-39). Deus expressa o mesmo em sua palavra por intermédio de Jeremias (Jr 18.7): “De repente falo contra uma nação ou um reino para o extirpar, derribar e destruir.” Nesse caso houve uma longa história prévia de culpa. O juízo de Deus não vem por capricho, sem motivos. Não obstante, ele incide “subitamente” sobre esse povo. Um observador atento ao Espírito de Deus poderia ver o juízo chegando há tempo e, não obstante, ser surpreendido por sua “repentinidade”.

Conseqüentemente, o olhar para o futuro sempre possui os dois lados: tudo precisa crescer e amadurecer, há presságios, muitas coisas têm de ocorrer primeiro, e as intervenções de Deus, da

primeira à última, na parusia de Jesus, acontecem de surpresa, são inesperadas, súbitas. O lado a ser salientado em cada momento, porém, depende da situação do aconselhamento pastoral. Na primeira carta parecia necessário para Paulo dizer a uma igreja que se “interessava” por “tempos e prazos”: larguem seus cálculos, estejam alertas e prontos, saibam pessoalmente que o Senhor vem de surpresa como um ladrão na noite. Agora, porém, ele precisa lidar com uma igreja agitada, que ameaça tornar-se um mar revolto, pensando que o dia do Senhor chegaria em breve. Diante dela destaca-se vigorosamente o lado contrário: cumpre primeiro que muitas coisas amadureçam, não se deixem confundir!

Contudo não está em jogo somente a pergunta sobre o prazo em si! Está em jogo o fato de que a igreja em Tessalônica imaginava as coisas como sendo “simples demais”. Provavelmente pensava que as perseguições que lhe cabia suportar já seriam “a grande tribulação”, reagindo com avidez e alvoroço ao chamado: em breve a aflição com certeza cederá ao dia do Senhor! Paulo pretende dizer-lhe: não, as coisas não são tão fáceis e banais! Precisa acontecer algo muito mais grave e muito mais difícil. A maturação do pecado no mundo ainda precisa atingir um nível muito diferente, chegando à apostasia e ao dominador anticristão do mundo.

É isso que a igreja precisa saber e ponderar. Para ela o Senhor de fato não vem “como um ladrão na noite”, como na realidade foi expressamente atestado em 1Ts 5.4 e agora está sendo mais bem fundamentado na presente passagem. Para o mundo (e para o cristianismo secularizado!) evidentemente prevalece que quando a pessoa pensa não precisar mais de Deus, vivendo em “paz e segurança”, e finalmente estar livre de Jesus, justamente então ela é assaltada de forma súbita e repentina, como um ladrão, pela perdição do grande dia.

Na seqüência a carta volta-se exaustivamente para o curso da história universal, que ainda precisa chegar à maturidade antes que a palavra de ordem de Deus libere o caminho para a vinda do Filho que aguarda.

Acontecerá primeiro a “**apostasia**”, o “**abandono da fé**”. Essa apostasia está estreitamente ligada à “**manifestação do ser humano da anomia**”. Ambas as expressões apontam inicialmente para Israel. “Ensinas a apostatar de Moisés” é a acusação contra Paulo em Jerusalém (At 21.21). No sentido mais estrito, só é possível “apostatar” de um vínculo correto e sólido. Nesse sentido somente Israel pertence a Deus através de uma explícita “aliança”. Da mesma forma é somente Israel que possui “a lei” propriamente dita. A rigor, o “ser humano da anomia” só pode ser um judeu. Logo temos de esperar seriamente que o “completar a medida de seus pecados”, de que já falava 1Ts 2.16, há de se consumir quando grandes contingentes de judeus se afastarem de Deus. Na expressão “ser humano da anomia” podemos ver um indício de que, assim como o Cristo, o anticristo virá de Israel e será um judeu.

No entanto, em Rm 2.14 Paulo – como, aliás, nos três primeiros capítulos da carta aos romanos – na verdade não acaba com a diferença entre Israel e os povos, mas a relativiza. Também as nações sabem a respeito de Deus e são convocadas a lhe prestar honra e gratidão (Rm 1.19-21). Também elas estão subordinadas de coração à lei, e da mesma forma o juízo também incidirá sobre judeus e gregos segundo o mesmo padrão (Rm 2.9s), ainda que “primeiro” sobre o judeu. Conseqüentemente, apostasia e anticristo são “primeiro” uma questão israelita. Mas isto é de fato apenas uma questão de ordem. Porque então esse anticristo dominará não apenas exteriormente toda a terra e todas as nações, mas também os conquistará no íntimo, para si e seu auto-endeusamento. Em consonância, a “apostasia” entre os povos, bem como uma “anomia”, também são possíveis. Todos os povos, com suas religiões, até mesmo nas suas mais rudimentares e repugnantes, sabem algo a respeito de “Deus”. Ainda são “uma lei para si mesmos” e conhecem e respeitam limites para seu agir. Mas podem e hão de “apostatar” disso. O que aconteceu de forma básica na “queda do pecado” atingirá, no auge da história mundial, proporções e visibilidade “histórico-universais”: a ruptura com Deus e seu mandamento, o querer ser como Deus. “Por se multiplicar a injustiça, o amor se esfriará em muitos”, declara Jesus em Mt 24.12. No presente texto na verdade consta a mesma palavra “anomia”. As pessoas se transformam naquilo que Paulo descreveu em 2Tm 3.1-5. E a lembrança de Deus, que durante séculos na verdade representara o último recurso e consolo para os povos também do Ocidente, será negada e combatida com paixão. Não é verdade que o “anticristo” primeiramente encenaria e provocaria isso pela violência! Não: a “apostasia” vem “primeiro”, precede o aparecimento do dominador anticristão do mundo e constitui sua premissa. Antes de a humanidade – inclusive Israel – não se tornar madura para isso pela “apostasia”, o anticristo nem mesmo encontrará

chão para se desenvolver. Mas então o terrível dominador aglutinará o espírito anticristão, apresentando à humanidade, com gigantesca grandiosidade e totalitarismo fanático, o que ela mesma já havia almejado e pessoalmente buscado em segredo.

Notemos bem: o que está diante de nós não é um triunfo da igreja ou uma crescente cristianização do mundo, como foi o pensamento natural até mesmo de amplos círculos cristãos, influenciados pela fé corriqueira no progresso. A Bíblia é inequívoca ao prever o contrário! Por um lado isso constitui uma verdade muito grave que pode nos deixar assustados e desanimados, no momento em que realmente a levamos a sério. Quem consegue falar desta verdade com facilidade não captou toda a sua dimensão terrível. Por outro lado, porém, é maravilhoso para nós que a “velha” Bíblia tenha predito com tanta clareza o que por longo tempo nos parecia algo distante e dificilmente concebível e que hoje está acontecendo integralmente. Ocorre também aqui o mesmo que a carta disse em relação ao sofrer perseguições em 2Ts 1.4s: a grande apostasia, aparentemente um triunfo da incredulidade, é na verdade tão-somente uma confirmação da palavra bíblica. Quanto mais sarcasticamente o adversário “refutar” nossa fé, tanto mais certo é que ele próprio cumpre justamente assim a palavra bíblica. Somos iguais aos passageiros de um navio, aos quais o capitão disse no início da viagem e durante os muitos dias de tempo bom que pouco antes do destino ainda seria necessário passar por uma faixa de tempestades e intempéries. Quando, pois, as nuvens sombrias se levantam e céu e mar ficam envoltos em trevas, quando os raios lampejam e os ventos uivam terrivelmente, os passageiros não precisam ter medo de que o capitão siga um curso errado ou tenha perdido o controle da embarcação, surpreendido pela intempérie. Sem dúvida seu coração poderá ser tomado de temor e tremor – a tempestade não é brincadeira – mas eles se entreolham e sinalizam uns aos outros: foi exatamente como o capitão havia predito. Em breve chegaremos ao destino!

O anticristo é imediatamente chamado de “**filho da perdição**”. Trata-se de uma expressão semita que também nós adotamos quando, por exemplo, dizemos que alguém é “filho da morte”. O Senhor Jesus emprega a mesma palavra em Jo 17.12 para Judas Iscariotes. “Filho da perdição” significa: “refém inescapável da perdição”. Ainda que ele desfralde seu poder de forma assustadora e pareça tão completamente inatacável como nenhum outro dominador antes dele, sua ruína é certa, e sua causa está de antemão perdida. É isso que também é revelado a João para consolá-lo em meio à descrição de toda a terrível realidade da época anticristã: apesar de todos os seus prodígios e do seu poder, a besta “caminha para a destruição” (Ap 17.8-11). Disso a igreja pode ter certeza.

- 4 No entanto, ela também precisa sabê-lo porque o “ser humano da anomia” inicialmente parece ser a refutação de seu Deus. Tudo aquilo que sempre conduziu à aflita indagação: “Onde, pois, está teu Deus? Como é que os ímpios vivem tão bem? Como Deus, se é que existe, pode permitir isso?”, avoluma-se com magnitude máxima no agir do anticristo. **“O qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou santuário, a ponto de assentar-se no templo de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.”** Na história universal muitas vezes houve despreocupação prática em relação a Deus, arrogância titânica e gélida sordidez. Mas também houve pessoas como Napoleão, que demonstrou reverência ao papa e, durante seu desterro, ocupou-se da pessoa de Jesus Cristo. Alguma espécie de receio último não deixou de pairar sobre os dominadores dos povos, ainda que Ez 28 já descreva o príncipe de Tiro como um personagem que endeusa a si mesmo. Mas aquele soberano vindouro irá desfazer-se até mesmo desse receio extremo. Ele esmagará de maneira consciente e radical tudo o que for minimamente “chamado Deus ou santuário”, ou seja, aquilo que for minimamente reconhecido como um poder extra-humano. O ápice disso é um passo que pode ser e será dado apenas em Israel: **“a ponto de assentar-se no templo de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.”** “O templo de Deus” existe unicamente em Israel, em Jerusalém. Todos os demais templos do mundo não deixam de ser sinal da busca por Deus e da intuição de Deus, mas são meras figurações arbitrárias do ser humano, com as quais Deus não tem nada a ver diretamente. Apenas esse único templo foi construído segundo a instrução do próprio Deus e possui a promessa de que Deus de fato deseja morar nele. No Santo dos Santos desse templo, um lugar que o próprio Deus reservou para si de forma expressa para ser sua única residência especial na terra, penetra o anticristo, assentando-se, pois, literal e diretamente no lugar do Deus vivo e anunciando-se em solene proclamação como “deus”. Essa solenidade é presenciada por todo o mundo através da televisão. As filmagens são exibidas em todos os cinemas do mundo. A imprensa mundial lhe dedica entusiasmados editoriais. Finalmente está muito claro diante de todo o mundo: não existe Deus! Unicamente o “ser humano” é “deus”, representado no “ser humano da anomia”, o dominador do

mundo. “E Deus se cala.” Somente a igreja que realmente crê vê que acima dele há uma inscrição indelével: “o filho da perdição”.

Em tudo isso, o “sem lei” de fato constitui de forma extremada a figura oposta a Jesus, o “anti-Cristo”, ainda que o termo “anticristo” nem sequer seja mencionado aqui e na realidade ocorra somente nas cartas de João (1Jo 2.18,22; 4.3; 2Jo 1.7)! Jesus, o Cristo, é caracterizado pela circunstância de que justamente como eterno Filho de Deus vive na total subordinação ao Pai, não podendo nem pretendendo fazer nada por si mesmo, obediente até a morte, sim, até a morte na cruz, cujo alimento é cumprir a incumbência divina, cujo coração vive inteiramente na prece e ação do “Pai, teu nome... teu reino..., tua vontade!”. Por isso Jesus, o Cristo, já desde criança se apresentava reverente e feliz, familiarizado com o templo como lar e propriedade do Pai. É Jesus, o Cristo, que serve, que não busca nada para si mesmo, que entrega integralmente a vida e a honra, que ocupa na cruz o lugar mais baixo da pobreza e vergonha extremas. Porém o anti-Cristo representa o mais pleno e desenfreado contraste em tudo! Por isso a igreja possui um padrão claro e seguro para reconhecer, em qualquer lugar, o surgimento do fenômeno “cristão” ou “anticristão”. O lugar e o contexto nunca são decisivos nesse empenho. Ainda que os reformadores errassem quando tentavam ver o anti-cristo da presente passagem no papa romano, tinham razão no fato de que as características “anticristãs” podem formar-se também justamente no seio da “igreja”, na realidade de que nenhum grupo cristão é imune ao risco de que a afirmação do seu próprio poder, da grandeza e da honra, bem como a rejeição da trajetória da cruz, introduzam nele um espírito tipicamente “anti-cristão”.

- 5 A igreja em Tessalônica podia saber de tudo isso! “**Não vos recordais de que, ainda convosco, eu vos costumava dizer essas coisas?**” Justamente Paulo, que por meio do “eu” assume pessoalmente a palavra na carta, nunca permitiu em sua proclamação que os ouvintes caíssem na armadilha de pensar que a maravilhosa redenção pela parusia e pelo arrebatamento viria rápida e tranqüilamente, sem quaisquer trevas e aflições extremas prévias. No alvoroço gerado pela intempestiva declaração “O dia do Senhor chegou!” a igreja esqueceu-se de tudo isso. Agora ela precisa retornar à razão e sobriedade e recordar-se de tudo! Por isso a notória ênfase “**e agora sabeis...**” (v. 6), que causa grandes dificuldades aos exegetas, talvez apenas pretenda dizer no presente contexto: “e agora estais novamente cientes, depois que vos deixastes obcecar por todas essas notícias supostamente vindas de nós.” Paulo tem diante de si a imagem viva de como a carta é lida na reunião da igreja e como os membros da igreja lembram um ao outro de tudo o que Paulo lhes dissera naquela época. No final constata satisfeito: “E *agora* sabeis novamente de tudo!”
- 6 Sim, a igreja sabe até mesmo que a manifestação do anticristo também não pode acontecer em um momento qualquer, mas somente “**em sua ocasião determinada**”. Também para ele é preciso que “o tempo seja cumprido”. Novamente consta aqui o termo específico *kairós* para “tempo”. E para que também o diabo, impaciente e ardendo de impetuosa vontade, consciente do pouco tempo de que dispõe, não possa entronizar prematuramente o anticristo, existe “**aquilo que detém**”, acerca do qual os tessalonicenses “**sabem**”.
- 7 Sem dúvida, “**o mistério da anomia já está em ação**”. O termo “**mistério**” foi particularmente destacado pela posição das palavras, o que a tradução tenta assinalar pelo grifo em itálico. Aqui o texto confirma o que já afirmávamos acima: não é somente o anticristo que cria o anticristianismo pela violência ou astúcia. Não, o anticristianismo precede o anticristo, a anomia precede o sem lei, embora ainda como um “mistério”. Por isso a igreja não errou total-mente ao entender vários personagens ou poderes, em diferentes épocas, como cumprimento das profecias sobre o anticristo. Evidentemente não eram “o” cumprimento (o que foi seu equívoco), mas com certeza foram “um” cumprimento, etapas rumo ao verdadeiro anticristo. Foi isso que também o apóstolo João percebeu: “Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido” (1Jo 2.18). A anomia evidentemente é um “mistério”, não apenas no sentido de que agora ainda atua de forma encoberta e oculta, mas precisamente em sua própria natureza. Afinal, a “lei” não é ordem arbitrária de um tirano, mas a ordem do bom e afetuoso Criador, o único pelo qual o mundo é preservado e a vida do ser humano pode se tornar livre, límpida e feliz. É um terrível enigma que a rebeldia contra essa lei seja inerente ao ser humano desde a mais tenra idade, e que o ser humano conjure catástrofes e mais catástrofes sobre o mundo e sobre si mesmo por causa de sua destruição da ordem divina, colhendo a morte no lugar em que pensa estar agarrando a vida plena! Jamais poderemos compreender isso por vias meramente “humanas”. Aqui paira um “mistério” das profundezas. No entanto, é curioso que ao mesmo tempo es-se mistério não possa

simplesmente chegar ao alvo nem se tornar irrupção da total anomia desenfreada. Algo “ainda detém”. Persistem as “figuras das etapas”, as misteriosas iniciativas “**até que seja tirado do caminho aquele que até agora detém**”.

Os fatos aqui abordados por Paulo são evidentes para todos nós. Inegavelmente também nós vemos que o “mistério da anomia” já está atuando, poderosa e terrivelmente, em todo o mundo. Entretanto vemos igualmente, com o coração comovido, que apesar disso a “anomia” não consegue explodir em sua totalidade avassaladora, mas ainda é “detida” e precisa dar lugar à ordem divina, bem como à vida e ao trabalho da igreja de Deus em todo o mundo. Estão diante de nós as grandes realidades mostradas por Paulo. Mas continuamos sem resposta clara para determinadas questões da interpretação textual. Será que “aquilo que detém” é diferente do que “aquele” que detém? Ou será que Paulo falou inicialmente de forma geral e neutra – como também costumamos fazer em um caso desses – sobre o que detém, para somente mais tarde caracterizá-lo mais precisamente como pessoa, como “aquele que detém agora”? Acima de tudo: a que ou a quem Paulo se referia concretamente com esse “que detém”?

Foram dadas principalmente duas explicações que cumpre examinar. Uma interpretação considera o que detém como Cristo e sua igreja, mais especificamente a igreja e o Espírito Santo que habita nesta. Enquanto a igreja, o “sal da terra”, ainda estiver aqui, o mundo não poderia passar para o último estágio do apodrecimento total. E enquanto o Espírito Santo na igreja ainda estiver no mundo, ele não permitiria a irrupção da “anomia”. Apenas com o arrebatamento da igreja, portanto, a pista ficaria livre para o anticristo. Dessa forma, aliás, também ficaria nitidamente demonstrado que a igreja será arrebatada antes da grande tribulação, porque aconteceria antes da vinda do anticristo.

Será correta essa explicação? A dificuldade lingüística de que nesse caso o arrebatamento equivaleria a uma “eliminação” da igreja e do Espírito Santo até poderia ser aceitável. Mas essa interpretação pressupõe que o “dia do Senhor” após a apostasia e o surgimento do anticristo seria algo diferente do que “parusia e arrebatamento”! Essa premissa, contudo, é inviabilizada justamente pelos dizeres do presente capítulo. O leitor volte a examinar o acima exposto, à p. 117. Se toda essa interpretação fosse correta, Paulo deveria ter tomado uma posição muito diferente diante da inquietação dos tessalonicenses, escrevendo algo como: “Quanto ao dia do Senhor, não vos deixeis confundir através dessas palavras de ordem, de que já chegou! Afinal, esse ‘dia do Senhor’ só poderá começar muito tempo *depois* de nosso arrebatamento. Porque é nosso arrebatamento que acaba abrindo espaço para a ascensão do anticristo, e somente então virá o ‘dia do Senhor’.” Contudo – foi *exatamente* isso que Paulo *não* escreveu!

As exegeses histórico-teológicas – até mesmo de conhecedores da Bíblia como Adolf Schlatter! – geralmente consideram “aquilo que detém” como a ordem do Estado romano, e “a pessoa que detém” como o imperador romano. Essa explicação possui duas vantagens consideráveis. Primeiro ela torna compreensível por que Paulo se expressa aqui de modo tão enigmático e misterioso. “Afinal, sabeis que enquanto Cristo ainda estiver no mundo em sua igreja, não pode acontecer a revelação do anticristo” – por que Paulo não escreveria isso de forma simples e clara? Em contraposição, “eliminação do imperador e fim da ordem estatal romana”, *isso* sim representava uma palavra altamente política, que Paulo não deveria se arriscar a escrever abertamente à igreja, tão sujeita a suspeitas e perseguições. Compreendemos que a carta apenas alude ao que já foi transmitido verbalmente. Ao mesmo tempo Paulo mencionava assim um poder “que detém”, e que também nós mesmos conhecemos. Continuamos sendo herdeiros do império e do direito romanos, que de fato ainda detém a irrupção irrestrita da “anomia” e de toda aquela horrível arbitrariedade descrita em Ap 13, embora evidentemente de forma cada vez mais penosa e precária. Nós, que presenciamos a dissolução do Estado de direito na época de Hitler, podemos imaginar muito bem o que significa uma atrevida “eliminação” dessas barreiras.

Não obstante, persiste a incerteza se com isso entendemos aquilo que o próprio Paulo pretendia dizer. Paulo – independentemente de quais foram os motivos – falou de maneira encoberta neste texto, não designando claramente o assunto em questão. Nesse caso, porém, qualquer tentativa de saber exatamente o que Paulo “deve” ter tido em mente trará resultados precários. Enfim, não o declarou nitidamente, e Deus não considerou necessário fazer com que seu mensageiro deixasse isso registrado de forma inequívoca. Por isso não seria cabível disputarmos entre nós sobre esse ponto. Não precisamos ficar constrangidos pelo fato de que os tessalonicenses sabiam mais do que nós nesse

caso. Sabiam não por serem melhores teólogos ou intérpretes da Escritura, mas porque Paulo lhes disse pessoalmente do que se tratava.

Cumpra, no entanto, abordar mais uma tentativa de explicação, à qual o pesquisador das Escrituras luterano Johann C. K. von Hofmann [1810-1877, professor em Erlangen] foi conduzido há quase um século e que surpreendentemente obteve pouca atenção. Von Hofmann parte do princípio de que na presente carta as exposições sobre a “apostasia” e o “anticristo” recorrem às profecias de Daniel e as prolongam (cf. acima, nota 15). Será que nesse caso o ensinamento dado por Paulo aos tessalonicenses sobre “aquilo que detém” e “aquele que detém” não teria também por fonte o livro de Daniel? Na verdade von Hofmann acredita tê-la encontrado em Dn 10. Nesse capítulo vemos que os espíritos poderosos que chamamos de “anjos” e dos quais Paulo fala em Rm 8.38 e Cl 1.16; 2.15 como anjos, tronos, potestades e poderes não estão apenas “no céu”, vivendo ali apazivelmente com hinos e louvores, mas participam ativamente na história universal, pairando por trás de tantos episódios que são incompreensíveis e enigmáticos aos nossos olhos. Se, porém, o mundo invisível dos bons e maus poderes espirituais já se interessava tão vivamente pelo destino de Israel como podemos depreender de Dn 10, será que não deveria muito mais participar de forma estimuladora ou também retardadora no surgimento do império anticristão? Nesse caso “aquilo que detém” seria de forma bem genérica a realidade desse mundo angelical, que simplesmente não concede livre vazão ao mistério da maldade, mas se lhe opõe, tolhendo-o. E “aquele que detém” teria sido para Paulo um grande príncipe dos anjos, sobre o qual podia dispor de revelações específicas, do mesmo modo como Daniel as obteve segundo o cap. 10 de seu livro.

Essa explicação apresenta muitas vantagens. Tem fundamentação bíblica e não busca outra base para as afirmações de Paulo senão a própria palavra de Deus, precisamente o mesmo livro da Escritura do qual também foram retiradas as principais noções do presente bloco. Ademais aquela interpretação da passagem que considera “aquilo que detém” como a ordem do império romano estaria de certa forma preservada, mas dirigindo o olhar para os bastidores in-visíveis dessa ordem. Ao mesmo tempo, porém, “aquele que detém” não seria o imperador romano. Esse era o ponto particularmente complicado daquela interpretação para o império romano. Pois então Paulo deveria ter atribuído ao último soberano estatal antes do surgimento do anticristo um papel muito especial no retardamento, de sorte que o seu desaparecimento abriria o caminho para a trajetória do anticristo. Essa dificuldade agora desaparece. À explicação que por causa dessas dificuldades preferia ver Cristo e sua igreja no retardamento, concede-se razão no fato de que Paulo não podia ter pensado apenas em fenômenos terrenos e em soberanos seculares. Também terá razão a explicação “daquilo que detém” como o “desígnio” especial de Deus: obviamente é Deus quem chama de volta o príncipe angelical que retardava, que desse modo “é tirado do caminho”. Finalmente compreendemos por que Paulo fala com alusões tão misteriosas: não, ou pelo menos não somente, por cautela política, mas por se tratar de uma visão muito misteriosa do mundo invisível por trás da história da humanidade.

- 8 Seja como for, porém, quando “estiver afastado aquele que agora detém”, **“então será, de fato, revelado o sem lei, a quem o Senhor Jesus aniquilará com o hálito de sua boca e o eliminará pela epifania de sua parusia”**. Novamente se recorda, diante da descrição terrível do poder sedutor do anticristo, que apesar disso ele é “o filho da perdição”, porque o Senhor Jesus há de aniquilá-lo. Aliás, fará isso sem qualquer esforço, com o simples hálito de sua boca. A igreja não deve se atemorizar, ainda que justamente o poder intrínseco do anticristo seja tão grande que ele arrasta as massas consigo em direção a uma perfeita apostasia de Deus. Afinal, a igreja dos tessalonicenses evidentemente está sendo preparada para algo que ela ainda presenciará pessoalmente. Ao mesmo tempo constata-se expressamente que Jesus dará um fim ao anticristo “pela epifania de sua **parusia**”. Ou seja, aqui a parusia não é um ato em separado que acontece muito tempo antes que o Senhor venha para derrubar o anticristo e erigir seu próprio governo sobre a terra! Não é a parusia que viabiliza o surgimento do anticristo, mas a parusia acaba com ele! Em contraposição, provavelmente não é correto que intérpretes teológicos considerem a formulação “epifania de sua parusia” um chamado “pleonasma”, i. é, o uso de duas expressões equivalentes para descrever a mesmíssima coisa. Pelo contrário, parece residir justamente nessa formulação a solução da questão de qual, afinal, é o relacionamento entre a parusia para a igreja e a vinda do Senhor para o mundo. Ambos os eventos acontecem no mesmo “dia do Senhor”, ambos são a “parusia”, a nova “presença” daquele que agora está oculto. Mas na primeira parte, o arrebatamento e aperfeiçoamento da igreja, eles ainda permanecem ocultos para o mundo. O mundo só consegue constatar, com indiferença e disfarçado

terror, que um grande número de pessoas de repente desapareceu e simplesmente sumiu. Então, porém, acontece a “**epifania**”, i. é, o raiar, o surgir (“epifania!”), a revelação dessa “parusia” para o mundo inteiro, e então se desencadeiam os poderosos acontecimentos que o Apocalipse nos relata a partir de Ap 19.11. “**Epifania de sua parusia**”: agora compreendemos porque foi possível ver e descrever de forma tão completamente unificada a vinda de Jesus como “alívio” para os seus de um lado, e, de outro, o “tormento dos atormentadores”. Realmente se trata de um grande ato conexo. Falar de várias “parusias” não é bíblico. No entanto, do mesmo modo compreendemos que Paulo era capaz de descrever a “parusia” em 1Ts 4.13-18 também de maneira bem dissociada da “epifania”, ressaltando apenas o significado para a igreja. De fato, no âmbito da parusia isso constitui um acontecimento completamente voltado para si, que precede a epifania da parusia para o mundo.

“**Epifania de sua parusia**” – essa é também a continuação autêntica de 1Ts 4.13-18 de autoria do próprio Paulo. Se o leitor talvez tenha indagado acima: como, afinal, ele sabe que Jesus não continua nos ares com os seus nem marcha rumo ao céu? – aqui está a resposta clara. Sua parusia provavelmente serve primeiro para aperfeiçoar a igreja, mas então também para consumir a obra de Jesus na terra e afastar o anticristo e seu domínio, do que resulta necessariamente o governo do próprio Senhor sobre a terra, ou seja, o “reino milenar”. Jesus na verdade não pode deixar a terra liberta do anticristo sem governo! E se ele mesmo aparece para destruir o poder anticristão, ele também deseja erigir em lugar dele seu próprio poder abençoado. Uma coisa se liga com necessidade tão singela e consistente à outra que nosso coração nem mesmo consegue reagir de outra maneira do que anuir com um alegre sim.

Do presente trecho resulta uma clara resposta positiva à pergunta se a igreja ainda entrará no reino do anticristo e se será submetida às inauditas aflições e tormentos associados a ele. Precisamente por isso se incute com tanta profundidade que apesar disso seu Redentor Jesus é tão infinitamente superior ao terrível déspota que aquele, ao se manifestar, aniquilará este com o hálito de sua boca. Precisamente por isso, porém, prossegue-se na descrição desse evento terrível – algo totalmente desnecessário para uma igreja que não experimentaria nada disso por ter sido arrebatada antes, ao passo que seria extremamente importante para aquela que terá de ser aprovada no pior teste de resistência no tempo tentador e horrível.

9s “**Ele, cuja parusia acontece segundo o poder eficaz de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça para os que perecem.**” Ou seja, também o anticristo tem, como antagonista pleno do Cristo, uma “parusia”. Porque também ele não é simplesmente um produto da história humana (por mais que pressuponha essa história!), mas “vem” do mundo invisível. Por isso sua manifestação também é nitidamente designada na carta como “ser manifesto”, ou como “manifestar-se”, no que se emprega o mesmo termo que também designa a revelação de Deus em Jesus ou a manifestação do próprio Senhor, ora oculto. O senhor anticristão universal não aparece apenas como um ente humano histórico. Aqui o próprio Satanás realiza sua “revelação”.

Enquanto a parusia de Jesus acontece “por uma palavra de comando”, a saber, de Deus (1Ts 4.16), a do anticristo “**segundo o poder eficaz de Satanás**”. Paulo conhece a mesma coisa que é mostrada a João em Ap 13.2. Satanás estava por trás da queda do pecado no paraíso, Satanás é o “príncipe”, e até mesmo o “deus dessa era” (2Co 4.4). Satanás atingirá o ápice de seu poder na terra e de seu ódio a Deus no império mundial do anticristo. Deus não impede isso! Deus é “justo”, até mesmo em relação a seu arquiinimigo. Dá-lhe espaço para desenvolver-se plenamente! Nossa eterna lamúria “Como pode Deus permitir uma coisa dessas?!” é, portanto, de antemão tola. Deus ainda “permitirá” coisas muito diferentes! Satanás, porém, não é o pobre diabo de nosso linguajar e dos contos populares, nem tampouco o “Mefistófeles” de Goethe. Possui realmente um poder terrível. Seus “sinais e prodígios da mentira” são verdadeiramente mais do que os truques de Mefistófeles no “Porão de Auerbach”! São tão perigosos e tentadores porque se conectam ao anseio justificado do ser humano. O ser humano deseja – com razão! – realidade. E “realidade” vem de “realizar”. Se quisermos que aconteça uma mudança nesse mundo e que as aflições e dificuldades sejam solucionadas, de nada adiantam belas palavras. Então precisamos “realizar”, e para isso carecemos do poder e de grandes prodígios. Por isso o ser humano – justamente também o ser humano moderno! – imediatamente adere quando algo “acontece” em algum lugar. Por isso até mesmo na era do ateísmo as pessoas se aglomeram de imediato quando podem presenciar curas milagrosas. Por isso também entre “cristãos” um movimento é imediatamente credenciado como divino tão logo

aconteçam milagres nele. Por isso o anticristo também fascinará as massas com seus “sinais e prodígios”. Porventura isso não “comprova”, de forma até mesmo “palpável”, que ele de fato é “deus” – um deus milhares de vezes melhor que o da Bíblia, do qual não se vê nada, do qual sempre se diz apenas que devemos “crer” nele e em todos os seus supostos milagres?! Um entusiasmo convicto arrastará as massas, e qualquer rejeição desse glorioso soberano, sim, a própria falta de entusiasmo por ele aparece como tolice incompreensível e por isso como delito malévolos que merece a pena de morte.

11s No entanto, pensando seriamente: como pode Deus permitir isso?! Como pode tolerar que uma humanidade seja tão seduzida e obcecada contra si mesma? Os mensageiros de Jesus respondem que Deus não apenas “permite”, mas que até mesmo deseja que seja assim! Com clareza assustadoramente audaciosa se afirma: **“É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a força eficaz do desvairamento, para chegarem à fé diante da mentira, a fim de serem julgados todos juntos os que não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.”** É verdade, gostaríamos de viver livremente segundo nossa própria vontade, segundo nossas pulsões e paixões, grosseiras ou refinadas. Em seguida, de repente, quando nas coisas pequenas e grandes nos deparamos com as terríveis conseqüências, com os destroços da vida e do mundo, rejeitamos qualquer responsabilidade e encenamos o papel da criança pequena, da qual a grande ama, o “querido Deus”, realmente deveria ter cuidado melhor! Deus, porém, não acompanha esse jogo! Deus nos trata como os adultos responsáveis que somos. Deus nos amarra com toda a seriedade em nossa responsabilidade. Ele nos mostrou a verdade de todas as maneiras. Nenhum de nós pode alegar que não sabia o que é bom e salutar. Nossa eterna busca e problematização, nossa repetida reconstrução de visões de mundo e filosofias espirituosas é apenas a tentativa de nos desviarmos, por maneiras aparentemente nobres e inteligentes, do fato de que conhecemos a singela verdade e poderíamos também agir de acordo! Contudo, justamente essa é a questão! Não queremos realmente “dar crédito” à verdade, porque isso seria ao mesmo tempo “obediência da fé”. Contudo, nós nos **“deleitamos com a injustiça”**. Nós “detemos a verdade com injustiça”, como Paulo dirá mais tarde aos romanos (Rm 1.18). Deus nos corteja com grande, grande paciência. Deus faz o máximo para nos salvar. Mas sempre nos concede ao mesmo tempo a liberdade, inclusive a liberdade de nos precipitarmos cada vez mais depressa na trajetória por nós escolhida rumo ao abismo – até que no final isso se torne uma queda inevitável. Então Deus castigará pecado com pecado, pecado deliberado com a obrigação de pecar. Agora a injustiça, na qual nos “deleitamos” incorrigivelmente, se torna “engano da injustiça”, da qual somos reféns. Esse é o castigo justo **“por não acolherem o amor da verdade para serem salvos”**. A verdade em si, todos a obtiveram. Deus não a havia ocultado de ninguém. O caminho para a salvação era simples e aberto para cada indivíduo. Porém não amaram a verdade, e sim flertaram com a injustiça. Agora o delírio se torna **“força eficaz do desvairamento”**. Logo têm de **“chegar à fé diante da mentira”**, porque não quiseram chegar à fé em Jesus e na verdade. Dessa maneira são **“julgados todos juntos os que não deram crédito à verdade”**. Isso constitui uma explicitação realmente *grandiosa* das coisas, de que um imitador tardio de Paulo dificilmente teria sido capaz! O próprio Jesus já desmascarara o ser humano, justamente o ser humano mais sério e devoto de seu convívio: “Mas, porque *eu* digo a verdade, não me credes” (Jo 8.45). Sim, o orgulhoso ser humano com sua “busca pela verdade” e “busca por Deus” - como ele se engana a respeito de si mesmo! Em que abismo ele caiu, como se desfigurou de forma indizível, de modo que na realidade não deseja crer na simples e límpida verdade, preferindo crer na mentira! Que coisa terrível: **“crer”** na **“mentira”**! No entanto, será que não vivenciamos pessoalmente que pessoas que rejeitaram a verdade de Deus caracterizando-a com tanta segurança e superioridade como “lenda”, como inaceitável para uma pessoa moderna, autônoma e crítica, posteriormente se renderam com zelo fanático a uma mentira qualquer? Porventura não vemos isso em proporções gigantescas diante de nós justamente no mundo moderno: “descarta-se” a singela e benigna verdade de Deus e cai-se de forma cada vez mais indefesa nas armadilhas dos grandes aliciadores da história universal! Como nisso se ergue o juízo do severo e grande Deus! O ser humano pensava poder brincar com a verdade de Deus, alçando-se como juiz dela. Agora sua brincadeira se transforma em terrível gravidade. Por fim é obrigado a crer com entusiasmo selvagem na mentira do inimigo de Deus, perdendo felicidade, paz, vida e eternidade em troca de uma mentira! Conseqüentemente, a época do anticristo com seus sucessos gigantescos contra Deus na realidade é justamente execução da ira e do juízo de Deus sobre a humanidade e sua longa história. A igreja precisa desmascarar isso com

clareza, para no tempo da apostasia não se confundir pessoalmente, sucumbindo à enorme atração do anticristianismo. Por isso 2Ts constitui, com essa profunda percepção dos acontecimentos, uma dádiva extremamente indispensável do Espírito Santo à igreja de todos os tempos.

Por fim, lançando o olhar sobre o bloco todo, podemos levantar novamente a pergunta: será ele compatível com as afirmações escatológicas da primeira carta ou será que de fato representa a falsificação de uma pessoa temerosa, para a qual o caráter imprevisível e repentino do “dia” conforme 1Ts 5.1-11 era assustador demais, e que em lugar disso desejava ter uma “agenda escatológica”, confeccionando-a sob o pseudônimo de Paulo a partir de uma série de tradições apocalípticas da época?

Dispomos de um testemunho de peso que sem dúvida é de autoria do próprio Paulo, ditado por ele vários anos mais tarde e que é lido como breve síntese de 1Ts 5.1-11 e 2Ts 2.1-12: Rm 13.11-14. “Tanto mais que sabeis em que tempo estamos: eis a hora de sairdes de vosso sono; hoje, com efeito, a salvação está mais próxima de nós do que no momento em que abraçamos a fé. A noite vai adiantada, o dia está bem próximo. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e revistamos as armas da luz” (TEB). Ou seja, como em 1Ts 5.1ss, o decisivo é a prontidão acordada que caracteriza o cristão como “pessoa diurna”. Essa prontidão, o “levantar-se do sono” é a mais importante “compreensão” do tempo e da hora. Mas ao mesmo tempo é praticamente uma nova correção de todos os anúncios precipitados do tipo de 2Ts 2.2: Não, o dia almejado ainda não “chegou”. Podemos afirmar somente: ele “se aproxima”. Como a chegada do dia terreno, sua vinda não é simplesmente arbitrária. A “noite” precisa ter “findado” primeiro. Afinal, não é possível que o dia subitamente raie às 23:50 h. A noite obviamente está “adiantada”. Aproximamo-nos do auge da noite. Esse auge do sono e da embriaguez do mundo noturno, porém, é aquela “paz e segurança” que apenas e tão somente pode ser concretizada no império universal do anticristo. O anticristo, porém, como indivíduo e como soberania, é um adensamento personalizado de todas as trevas, que transforma esse mundo em mundo noturno. “A noite está adiantada” – essa é apenas uma expressão sucinta para aquilo que o presente bloco elaborou em detalhe. Aquele “que detém” é tirado do caminho, a en-carnação das trevas se manifesta na supressão de quaisquer recordações de Deus apaga-se a última luz na terra. É meia-noite. Somente quando essa verdadeira hora da meia-noite do mundo chegar é que o dia irromperá, de forma súbita e inesperada para o mundo seguro de si e de forma há muito almejada e ditosamente saudada pelos que há tempo acordaram das trevas e se levantaram do sono, mas que vivem em meio à noite do mundo sob a luz do dia vindouro.

EXORTAÇÃO À CONSTÂNCIA – 2Ts 2.13-17

- 13 – Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade**
- 14 – para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.**
- 15 – Assim, pois, irmãos, permaneçei firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa.**
- 16 – Ora, nosso Senhor Jesus Cristo mesmo e Deus, o nosso Pai, que nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança, pela graça,**
- 17 – consolem o vosso coração e vos confirmem em toda boa obra e boa palavra.**

13 Por um lado, o desenvolvimento da humanidade até a condição em que acredita fanaticamente em mentiras é antinatural, porque fé na mentira é uma perversão da natureza. Mas, por outro, visto a partir da queda do pecado, ele é “natural” e conseqüente. Uma vez de fato iniciada essa trajetória descendente, é *imperioso* chegar a esse fim. Se apesar disso a humanidade como um todo não chega lá, se existem pessoas e comunidades humanas inteiras que estão fora dessa trajetória para o abismo, isso constitui um glorioso milagre da graça de Deus. Se, portanto, o olhar dos mensageiros retorna do quadro sombrio do futuro que acaba de ser delineado para a igreja em Tessalônica, irrompe novamente a gratidão: “**Nós, porém, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos.**”

Pois é por essa razão que sua condição é diferente da grande e vasta humanidade, que se torna cada vez mais aberta para o anticristo. Será que os mensageiros podem entoar agora o louvor dos

tessalonicenses, que se sub-traíram ao poder da mentira e se renderam à verdade? Não! Agora os três têm diante de si exatamente a mesma situação do primeiro escrito (1Ts 1.4ss): os irmãos lá de Tessalônica são “**amados do Senhor**”, e a gratidão vale para o fato que fundamenta todo o resto, a saber, que “**vos escolheu Deus desde os primórdios para a salvação**”. A posição das palavras no texto grego ressalta especialmente o “escolher”. Não existe em nós um motivo para essa escolha, nem quaisquer privilégios e excelências. Afinal acontece “**desde os primórdios**”. A expressão dificilmente se refere, como deseja A. Schlatter, ao “início” da mensagem em Tessalônica, mas àquele “princípio” do qual fala a primeira frase de toda a Bíblia e a primeira frase do evangelho de João. Antes que pudéssemos ter, fazer, realizar e merecer algo, Deus nos escolheu por bondade própria e soberana para a salvação. Sob esse aspecto o sentido da afirmação não se alterará significativamente se acompanharmos a leitura do outro grande grupo de manuscritos, que em lugar de *ap arches* = “desde os primórdios” apresenta *aparchen* = “como primícias” (cf. 1Co 16.15; Jo 1.18). Pois também as “primícias” foram escolhidas antes da criação do mundo e somente são tais “primícias” em virtude da “escolha”. No entanto, essa expressão remeteria à circunstância de que a atual pequena igreja em Tessalônica é apenas um começo promissor, que ainda experimentará uma continuação grandiosa. Os que agora foram salvos em Tessalônica são somente o primeiro feixe de uma grande plantação que um dia encherá os celeiros de Deus por meio de uma esplêndida colheita.

Essa redenção acontece “**em santificação do Espírito e fé da verdade**”, sendo que aqui, como tantas vezes, o termo grego *en* possui quase o sentido de “por meio de”. O primeiro genitivo com certeza é genitivo do sujeito: o Espírito Santo cria nossa santificação. “Santificação” jamais é o sucesso de nossos esforços morais. O Espírito Santo do próprio Deus precisa gerar vida divina em nós. A redenção, a “salvação”, porém, não se constitui sem essa “santificação”. Quem diz isso é o apóstolo da “justificação”. Repele assim o difundido equívoco de que a salvação paira apenas como dito teórico da graça sobre a vida do ser humano. Mas sem dúvida essa salvação é apreendida junto com a “santificação do Espírito” unicamente pela fé. “**Fé da verdade**” igualmente deve ser, em paralelo, um genitivo do sujeito e não do objeto. Tampouco a “fé”, da mesma forma como a “santificação”, é obra do ser humano. Não posso crer quando quero e o que quero, ou seja, tampouco posso fabricar em mim a fé cristã pela decisão de concordar com determinadas doutrinas. Unicamente a “verdade” – lembramo-nos de que no contexto do pensamento bíblico ela não significa uma “teoria correta”, mas realidade viva, cf. acima, p. 130 – é capaz de nos vencer no íntimo, trazendo-nos à fé. Essa é nossa redenção. Agora, porém, também **precisamos** crer, abrindo e submetendo o coração e a vida a essa verdade! Do contrário pertenceremos àqueles “perdidos” de 2Ts 2.10ss (cf. acima, p. 126), que são entregues por Deus ao poder do engano, porque não quiseram abraçar a fé na verdade.

- 14 Ademais a verdade tem de vir ao nosso encontro como verdade viva e poderosamente testemunhada. Por isso a “eleição” se concretiza na “vocação”: “... **para a qual ele vos chamou através de nosso evangelho**”. Pelo fato de Deus por amor ter escolhido pessoas naquele lugar há muito tempo, antes de existir a terra e haver nela uma cidade de Tessalônica ele agora providenciou para que o evangelho viesse para Tessalônica e lançasse nos corações o chamado de Deus. Perante os autores da carta paira tudo o que fora descrito em detalhes na primeira carta (cf. 1Ts 1.4ss, acima p. 32). Também aqui os três voltam a formular: “**nosso evangelho**”, porque ele veio a Tessalônica na pessoa e palavra deles e de fato apenas assim. Contudo não é o “nosso” evangelho que conquista pessoas, mas “ele”, unicamente Deus chama pessoas estranhas, distantes “para si” “através de nosso evangelho”. Esse “para o qual” volta a ser brevemente citado no final da frase: “**para a conquista da glória de nosso Senhor Jesus Cristo**.” Novamente está claro que a “redenção” certamente é o primeiro grande alvo da eleição: escolhido desde os primórdios para a salvação. Mas ela não constitui o último alvo, que no entanto se chama “glória”! Nosso pensar e falar cristãos estão profundamente distorcidos quando apenas “pretendemos chegar à beatitude”. Não, agora já chegamos à beatitude, tão certo como hoje atingimos a salvação na santificação do Espírito e fé da verdade. Como “ditosos”, i. é, pessoas salvas, no entanto, podemos e precisamos nos esticar até a “glória”! Saiamos desse pensar e querer miúdos, equivocadamente modestos! Entremos na grandeza e sublimidade que Deus previu fundamentalmente para nós ao nos criar à sua imagem e nos concedeu novamente ao nos salvar com um grande engajamento divino. Não nos cabe imaginar pessoalmente o que *nós* entendemos por “glória”. Pelo contrário: o que nos foi dado conquistar é a “**glória de nosso Senhor Jesus Cristo**”. É assim que Paulo dirá mais tarde aos romanos, explicando:

“ordenou que sejamos conformes à imagem de seu Filho” [Rm 8.29], e precisamente até na corporeidade, depois “para ser igual ao corpo da sua glória” (Fp 3.21). Esse alvo não é sonho nem fanatismo! Porque esse “conquistar” já começa agora de maneira muito real, precisamente na “santificação do Espírito e fé da verdade”: “todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem” (2Co 3.18). Ao mesmo tempo, porém, igualmente temos de pensar em que consiste, segundo o NT, essa “glória” de nosso Senhor! Não é um “brilho” determinado, mas uma abundância de feitos poderosos: a reunião, o arrebatamento e aperfeiçoamento de sua igreja, a queda do dominador anticristão do mundo, o governo real no reino dos mil anos, a execução do juízo sobre o mundo, a permeação iluminadora e abençoadora da nova terra. De tudo isso podemos nos tornar partícipes, em tudo isso podemos governar, julgar, brilhar juntos em estreita ligação entre os membros e o Cabeça! Isso é “**conquista da glória de nosso Senhor Jesus Cristo**”.

15 No entanto, a retrospectiva agradecida sobre tudo o que Deus fez aos tessalonicenses, uma retrospectiva que a própria igreja é convidada a fazer quando ouve a carta, não serve simplesmente à alegria celebrante. Com rapidez bem maior do que na primeira carta novamente se passa imediatamente à dura tribulação e às grandes tarefas da igreja. “**Assim, pois, irmãos, estai firmes!**” Mais uma vez deparamo-nos com a atitude consistente do NT, de que por um lado se exclui qualquer fama pessoal e toda a salvação é atribuída unicamente a Deus e à eleição, ao chamado e às dádivas dele, e de que por outro lado surpreendentemente *não* se chega à conclusão: logo é Deus quem também continuará fazendo tudo. Vós, irmãos, não podeis nem precisais produzir nada! Pelo contrário, a referência à gloriosa atuação de Deus se torna convocação para empenho pessoal máximo: “**Assim, pois, irmãos, estai firmes!**” Repetidamente corremos o perigo de, com base em uma “lógica” plausível, abreviar uma ou outra linha conforme a situação, ou de subdividir o terreno percentualmente, com um falso “sinergismo”, entre a atuação de Deus e nosso agir. Por essa razão cabe-nos aprender constantemente do NT e por isso também dos presentes versículos que podem valer somente estas duas coisas lado a lado, em paradoxal vitalidade de forma irrestrita: a glória exclusiva de Deus e de seu agir, *bem como* a convocação resoluta para o agir pessoal.

“**Assim, pois, estai firmes!**” Esse “estar de pé” é uma expressão que Paulo gosta de utilizar, cf. 1Ts 3.8; 1Co 16.13; Fp 4.1. Foi isso que Moisés proclamara a seu povo no instante mais crítico do êxodo salvador: Êx 14.13. É o que também foi dito à igreja da nova aliança para sua trajetória cheia de perigos em tempos cada vez mais sombrios. De sua parte não consegue “criar” nada, a rocha da salvação lhe é preparada unicamente por Deus. Mas na seqüência ela pode e deve firmar-se nela, permanecendo em pé e não se deixando afastar dela um centímetro sequer, nem por sedução nem por ameaças. Nesse ponto precisa ser muito “obstinada”. O “estai firmes!” foi entendido corretamente quando, durante a luta da igreja não-conformista no Terceiro Reich, se dizia simplesmente que determinada igreja ou dirigente eclesial ficaram “firmes”.

A essas palavras é acrescentada a exortação “**e guardai as tradições em que fostes instruídos, seja por palavra, seja por epístola de nós**”. A princípio esse é evidentemente um modo de pensar tipicamente “judaico”. Enquanto no mundo helenista surgia aquele trabalho intelectual que também hoje ainda valorizamos de modo especial, no qual o grande alvo é encontrar descobertas novas, razão pela qual o aluno que nitidamente supera o mestre é coberto de reconhecimento, o trabalho intelectual em Israel havia tomado um rumo completamente diferente em vista da lei que cumpria preservar e obedecer. Acima de tudo cabia acolher o que os pais haviam experimentado e ouvido, e transmiti-lo com a máxima fidelidade e clareza à próxima geração. Aqui está enraizado o conceito da doutrina “pura”, i. é, não deformada nem deturpada por nenhuma arbitrariedade. “Receber-transmitir-receber-transmitir”, assim se via aqui a tarefa. Por ocasião da conversão evidentemente quebrou-se toda a vida anterior de Paulo, e algo radicalmente novo lhe fora concedido. Assim todo “ganho” da “tradição” dos escribas estava arrolado no grande “prejuízo” de que fala Fp 3. Mas agora se mostra que Paulo se tornara uma pessoa realmente livre: apesar disso preservou o que tinha clara e profunda razão de ser nessa atitude israelita. Em nenhuma esfera da vida, sobretudo não em nossa vida debaixo do senhorio de Deus, podemos simplesmente “criar” de forma livre: sempre o “receber” precede todo o nosso fazer. Como Israel teria sido capaz de conhecer e amar seu Deus se não tivesse recebido nas “tradições” aquilo que Deus fizera aos pais nos prodígios do êxodo, assim como no deserto e em Canaã! Por isso até mesmo Paulo, ainda que tivesse plena ciência da “demonstração do Espírito e do poder”, via sua tarefa também na “transmissão”. Por isso, em uma passagem central, no começo do

grande capítulo da ressurreição, é capaz de afirmar: “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi” (1Co 15.3). Constam aí as significativas expressões “receber” – “transmitir”. Do mesmo modo a celebração fundamental da igreja, a celebração da ceia do Senhor, repousa inteiramente sobre a tradição vinda do próprio Senhor. Também aqui nada pode nem deve ser imaginado e configurado por nós. Tão-somente podemos receber e repassar com toda a fidelidade (1Co 11.23-25). Dessa forma ele e seus companheiros também transmitiram a história de Jesus em Tessalônica, além de – cf. 1Ts 4.1s – instruções bem determinadas acerca da forma necessária de conduta. A tarefa dos tessalonicenses de fato consiste em “**guardar as tradições em que fostes instruídos**”. Acrescentou-se “**seja por palavra, seja por carta de nós**”: à primeira evangelização oral associou-se o cuidado pela igreja de forma escrita, como nos revelam concretamente as duas epístolas aos tessalonicenses. Também para nossas igrejas vigora que esta grande corrente não deve ser rompida: receber-transmitir-receber. Obviamente receber tradições ainda não transforma ninguém em cristão, porque ainda não gera renascimento. Residem aqui as grandes mazelas da segunda e terceira geração nas igrejas, nas congregações, no campo missionário. Mas o cristão despertado, convertido e renascido precisa “receber” e “guardar as tradições” sem cessar, para que seu cristianismo se torne cada vez mais pleno e consolidado. Por isso também constitui um grande ganho para uma pessoa renascida que tenha acolhido muitas tradições desde criança. No “guardar as tradições” está inerente também a proteção contra o “rápido abalo para longe da razão” (2Ts 2.2).

16s É essa, pois, a tarefa precípua da igreja, à qual lhe cabe dedicar uma vontade plena e corajosa. Mas desse aspecto o olhar de imediato se volta novamente para Deus, e a exortação mais uma vez se torna oração e intercessão. Será que a igreja “estará firme” em meio a tanta tribulação? Será que a vida eclesial continuará saudável e límpida apesar de todas as influências perturbadoras? “**Ele mesmo, nosso Senhor Jesus Cristo**” é o protagonista! E nele “**Deus, nosso Pai**”. Ele “**nos amou**”. Isso representa fundamento só-lido, porque esse amor não é vacilante, mas nos leva com firmeza até o alvo. Nisso ele nos “**deu eterna consolação**”. Se agora traduzimos *paráklesis* por “consolo”, precisamos imediatamente recordar que a palavra da mesma forma significa “exortação”. Trata-se do “incentivo” do Senhor. O “diálogo” – lembramos o acima exposto, p. 93! – que o Senhor iniciou conosco por meio desse “incentivar” é “eterno”, “eônico”, que perdura por todos os éons e, portanto, nossa “consolação eterna”. Por isso somos tomados de certeza, podendo por isso suplicar uns pelos outros que esse incentivo alcance, dia após dia, nossos corações e os “**fortaleça**”. O coração é o lugar em que somos alcançados pela palavra de incentivo de Deus, onde ela é ouvida e acolhida por nós. Mas é característico para o cristianismo apostólico: não se trata da “vida íntima” como tal, de modo que já se possa colocar um ponto final aqui, depois do consolo e fortalecimento dos corações. Não, esse incentivo precisa atualizar-se “**em toda boa obra e palavra**”. Nossa conversa do coração com Jesus se torna palavra pura e boa dirigida às pessoas, e uma obra que as ajuda. E inversamente: também aqui podemos novamente entender o “em” como um “por meio de”. “Cada obra que for boa e cada palavra que serve ao amor nos trazem o ganho que nos consolida interiormente” (A. Schlatter). Quando tentamos nos limitar a uma devoção interior do coração, sem obra nem palavra, isso se vingará através de afetos imprecisos e oscilantes. Em toda boa obra e palavra nossa ligação interior com o Senhor se torna concreta e firme.

O QUE OS MENSAGEIROS ESPERAM DA IGREJA E PARA ELA – 2Ts 3.1-5

- 1 – Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós,**
- 2 – e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é (assunto) de todos.**
- 3 – Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno.**
- 4 – Nós também temos confiança em vós no Senhor, de que não só estais praticando as coisas que vos ordenamos, como também continuareis a fazê-las.**
- 5 – Ora, o Senhor conduza o vosso coração ao amor de Deus e à constância de Cristo.**

1 “**No mais**” – a carta chega ao final. Contudo ainda cumpre dizer coisas importantes! A atenção dos tessalonicenses e a nossa não devem diminuir, porque “logo estará terminado”. Inicialmente o olhar dos mensageiros repousara sobre a própria igreja, como ela passaria pela difícil época do emergente

anticristianismo. Mas essa época ainda traz consigo uma grande tarefa que vai além da preservação das igrejas existentes: **“que a palavra do Senhor corra e seja glorificada, como também entre vós”!** O anticristo ainda não chegou. Mas como ele vem e pode vir rapidamente, pois “o mistério da anomia já está atuante”, a palavra precisa “correr”. Paulo deve ter falado freqüentemente com seus colaboradores que o mundo não acaba no âmbito helenista, que lá ainda se estendia todo o vasto Ocidente: Itália, Roma, Espanha, Gália! Será que a palavra não precisa chegar também até lá? Nesse caso, porém, ela realmente tinha de “correr”! Aqui a palavra é um fenômeno autônomo e vivo, que como tal “corre”. Os mensageiros sabem ao mesmo tempo que precisam colocar os pés à disposição da palavra, sendo incansáveis, até mesmo nossos pés às vezes tão cansados e feridos, para que a palavra possa correr, e que em seguida ela própria se projetará pelos países para muito além de nosso “correr e mover”. Os três, p. ex., experimentaram que em várias localidades não precisavam dizer nada sobre Tessalônica, porque a notícia do grande acontecimento naquela cidade já os havia precedido celeremente (1Ts 1.8s). Em termos históricos de fato é verdade que a expansão do evangelho pelo vasto império romano não foi, em considerável medida, consequência do trabalho missionário planejado de certos apóstolos, mas do correr próprio e livre da palavra. Obviamente não deveria chegar apenas formalmente a todos os lugares – como facilmente entendemos a locução “para testemunho sobre todas as nações” em Mt 24.14. Como em Tessalônica, ela deveria ir às pessoas “não apenas na palavra, mas também em poder e no Espírito Santo”, sendo assim “glorificada”. É isso, prezado obreiro do reino de Deus: não você, mas a palavra é que conquista honra quando pessoas são despertadas e trazidas à fé em Jesus!

Época, sim, da palavra que ainda corre. Contudo, não seria isso tarefa dos “mensageiros”? É verdade, mas cada igreja pode realizar algo decisivo na questão: pode orar. **“Orai, por nós, irmãos, para que a palavra corra.”** Evidentemente não se pensa aqui em uma intercessão proferida como manda o figurino, mas em oração sincera, que Paulo prefere chamar de “luta”. Contudo, quando isso acontece, os que oram têm plena participação em tudo o que a palavra realiza em sua trajetória.

O curso da palavra e de seus mensageiros, porém, não representa um passeio inofensivo. A palavra não somente é glorificada, ela de igual modo é desviada e provoca resistência e rebeldia. **“Porque a fé não é (coisa) de todos.”** Isso é constatação simples e sucinta de um fato, à qual não se acrescentou nenhuma fundamentação. Será, porém, preciso lembrar que por trás da nossa chegada à fé está tanto o mistério da eleição como uma história de vida que nos facilita ou dificulta o caminho até a fé. Obviamente isso não serve de desculpa cômoda para os que não crêem! Mantém-se nitidamente o que foi dito no começo da carta sobre a culpa e a grave punição daqueles que não obedecem ao evangelho. A frase não deve ser seccionada do contexto, segundo nosso terrível costume de abusar da Bíblia, e utilizada como sentença dogmática. Ela é a frase de uma carta de verdade e no presente contexto tão-somente pretende constatar o fato de que muita aflição espera os mensageiros em seu caminho e serviço, porque a gloriosa e doce mensagem de forma alguma leva todos à fé, nem supera sempre a hostilidade oculta ou patente contra Deus. Com muita sobriedade os mensageiros sabem que há **“pessoas perversas e más”**, diante das quais precisam ser protegidos ou de cuja mão precisam ser salvos. Também nisso colabora a oração afetuosa das igrejas, tanto naquele tempo quanto hoje!

- 3 Mais uma vez toda a situação se descortina perante os autores da carta. A gravidade da conjuntura atinge tanto a igreja como os mensageiros. **“O Maligno”** em pessoa, Satanás, já está operando no “mistério da anomia” e nas “pessoas perversas”. Isso não leva inevitavelmente ao fracasso? Será que nossa frágil oração consegue se contrapor a isso? Como resposta ouve-se novamente o maravilhoso “porém” bíblico: a gravidade da situação não pode ser ignorada, o próprio Satanás desfralda cada vez mais seu poder, todavia **“fiel é o Senhor, que vos fortalecerá e guardará do Maligno”**. Promete-se aqui atender a última prece da oração do Pai Nosso, que emprega literalmente o termo “ser liberto de” que os mensageiros acabam de empregar em vista das “pessoas perversas e más”. Aquele, para longe do qual haveremos de ser libertos, é – como aqui – “o” Maligno, o próprio Satanás. Graças a Deus! Mais forte que o Maligno é o Senhor, que já o derrotou. Ele não é somente forte, mas também fiel! A primeira carta também apontou no final para a “fidelidade” de Deus (1Ts 5.24). Naquela ocasião estavam em jogo a santificação e preservação até a parusia. Entrementes tudo se tornou mais acirrado e penoso, e a luta muito mais acalorada. Conseqüentemente, remete-se agora à fidelidade do Senhor, diante da qual soçobram até mesmo as mais impetuosas investidas do inimigo.

- 4 Mais uma vez acontece a mesma coisa que em 2Ts 2.15: após a referência à fidelidade do Senhor segue imediatamente o apelo ao agir pessoal. “O Senhor vos guardará” não significa: portanto não precisais vos esforçar tanto. Não, **“temos confiança em vós no Senhor, de que não só estais praticando e praticareis as coisas que vos ordenamos”**. A fidelidade preservadora do Senhor não substitui a obediência da igreja, mas a viabiliza e até mesmo se processa nela. A primeira carta mostrou logo no começo que a “fé” não se contrapõe a esse “fazer”, mas o inclui (cf. acima, p. 30). Igualmente vimos já em 1Ts 4.2 que também uma igreja viva e crente tem necessidade de certas “instruções”. Evidentemente não pode ser forçada à obediência como um bando de crianças. Naquela época certamente não, uma vez que os mensageiros de Jesus eram pessoas sem poder e, como tais, perseguidas. Mas deposita-se nela a firme confiança de que agora age e que também no futuro agirá em consonância com essas instruções. Sem dúvida, também essa confiança na igreja os mensageiros somente têm “no Senhor”. Não podemos viver sem confiança inequívoca entre nós, não como pessoas e muito menos como cristãos. Contudo nossa confiança em pessoas jamais pode ser algo total em si. Conhecemos as pessoas e conhecemos a nós mesmos. Ou seja, existe de fato apenas a confiança com restrições? Isso causaria um grave dano ao próximo! Não, nós **“confiamos no Senhor”**, porque honramos o Senhor com confiança irrestrita e vemos os outros seguros por sua mão fiel.
- 5 Por isso a carta se volta novamente a esse Senhor, de modo que exortação e incentivo se tornam uma oração: **“O Senhor, porém, conduza vossos corações ao amor de Deus e à perseverança do Cristo!”** Que tipo de genitivos são esses? Genitivos de objeto? Bastaria, portanto, traduzir simplesmente: “amor a Deus” e “espera perseverante por Cristo”? Não. Precisamente por isso os genitivos devem ser preservados, porque na Escritura o Deus vivo e seu Cristo nunca se tornam “objetos”, mas continuam sempre sendo “sujeitos” ativos. Amor “a” Deus acontece unicamente quando o amor do próprio Deus primeiramente “é derramado em nossos corações por intermédio do Espírito Santo, que nos foi dado” (Rm 5.5). Amor “a” Deus somente é genuíno – e não um pobre artefato humano – como resposta ardente ao amor jamais compreendido de Deus, experimentado por nós. Por isso realmente os dois aspectos estão contidos nessa intercessão: “O Senhor conduza vossos corações ao amor de Deus.” Ele volte a vos mostrar repetidamente esse amor de Deus na cruz, para que desse modo vossos corações sejam inclinados para o amor a ele! O mesmo vale também para a “perseverança do Cristo”. Quem “perseverou” é Cristo, somente ele, quando nenhum discípulo perseverou junto dele. Agora esse Cristo conduz sua igreja no caminho da cruz passando por muita tribulação. Sua própria perseverança precisa viver nos corações deles, para que agora perseverem confiantes na perseguição. Conduza, pois, o Senhor a igreja até debaixo da cruz, debaixo do tranqüilo poder da perseverança, para que ali, debaixo da cruz, tanto o amor a Deus como também a força da perseverança renasçam constantemente até a vinda dele.

No entanto, também é possível que esses dois versículos 4 e 5 já façam parte do bloco subsequente, introduzindo-o. Na verdade o manuscrito de uma carta da Antigüidade não conhece subdivisão de capítulos e versículos, nem parágrafos visíveis. Nesse caso os versículos obteriam um sentido muito peculiar no novo contexto. Agora no final os autores da carta precisam deliberar algo muito penoso com a igreja, e precisam lhe dar as primeiras instruções sobre disciplina na igreja. Por isso começam com a asserção: “confiamos, porém, em vós no Senhor, de que fazeis e havereis de fazer o que ordenamos.” Ao mesmo tempo rogam a Deus, justamente em vista das necessárias medidas incisivas na jovem igreja, que os corações tenham a orientação correta. Também a disciplina da igreja aconteça no amor de Deus e tenha em si a paciência perseverante de Jesus, que não desiste do irmão errante e renitente. De imediato segue, pois: “Nós vos ordenamos, irmãos...”

A IGREJA NÃO DEVE TOLERAR IRMÃOS DESORDEIROS – 2Ts 3.6-15

- 6 – **Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes.**
- 7 – **pois vós mesmos estais cientes do modo por que vos convém imitar-nos, visto que nunca nos portamos desordenadamente entre vós**
- 8 – **nem jamais comemos pão à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós.**

- 9 – Não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes.
- 10 – Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma.
- 11 – Pois, de fato, estamos informados de que, entre vós, há pessoas que andam desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia.
- 12 – A elas, porém, determinamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando tranqüilamente, comam o seu próprio pão.
- 13 – E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem.
- 14 – Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado.
- 15 – Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o como irmão.

A carta estava no fim. Os últimos votos e saudações dos v. 16-18 poderiam ter-se ligado diretamente ao v. 5. Mas então a carta traz ainda uma palavra séria inesperada. Talvez o “**ouvimos que alguns em vosso meio andam desordenadamente**” (v. 11) tenha acontecido justamente agora. Chegaram novas notícias que obrigam os autores da carta a abordar novamente e com mais ênfase essa questão já mencionada na primeira carta. No entanto, do mesmo modo pode ser que essas notícias já existiam no começo da redação e que os mensageiros guardaram o comentário dessa questão delicada de propósito até o final. Primeiro era necessário dizer todas as outras coisas à igreja, ainda mais que esse assunto inicialmente dizia respeito apenas a “alguns” e só depois também indiretamente a toda a igreja.

Na primeira carta os mensageiros já tinham motivo para, referindo-se ao amor fraternal (1Ts 4.9), enviar também uma palavra acerca de um comportamento tranqüilo, bem como recordar o dever de ganhar o pão pelo trabalho das próprias mãos (1Ts 4.11s, cf. acima, p. 69). E nas exortações para a vida da igreja em 1Ts 5.14 já constavam os “desordeiros”, que precisam ser corrigidos. Agora a formulação apresenta, ao lado do advérbio “desordenadamente”, também o verbo *ataktein*, que os três usam em referência a seu próprio comportamento, com uma negativa: “**porque não nos comportamos desordenadamente entre vós**” (v. 7). O verbo significa literalmente “abandonar o lugar”, talvez assim como dizemos: “andar fora dos trilhos.” Na seqüência pode referir-se à objeção de cumprir uma atividade devida, à “mania de esquivar-se”. Enquanto, pois, de acordo com as instruções expressas dadas já na fundação da igreja, cada cristão deveria ter um lugar certo em que se fixar e ganhar o pão honestamente, há irmãos que se afastaram dessa ordem, abandonaram seu posto, “**não trabalham, antes praticam coisas inúteis**”. Paulo expressa isso com um trocadilho: antepõe à palavra “trabalhar” o prefixo “em torno”, que também para nós expressa um agir inútil e a esmo: “andar por aí”, “falar em torno”, “vagar em torno”. O trocadilho poderia ser reproduzido aproximadamente como “não fazendo nada (útil), mas vagando por aí”. Contudo o termo grego “trabalhar a esmo, atuando por aí” não implica que essas pessoas não faziam simplesmente “nada”, mas que eram muito atarefadas e zelosas, mas que os mensageiros de Jesus não podiam ver nisso nenhum trabalho útil.

As próprias pessoas mencionadas devem ter-se defendido vivamente contra essa acusação. Em sua opinião, realizavam algo muito “mais sublime” e precioso que os trabalhadores braçais, que na realidade apenas se afadigavam com “coisas materiais” e transitórias. Pensamentos gregos, idealistas, ligavam-se aqui a um mal-entendido da mensagem acerca da sublimidade e dignidade da condição de filhos de Deus. Porventura os filhos de Deus e herdeiros da glória eterna devem se ocupar de coisas tão indiferentes, humildes e monótonas, gastando tempo precioso com trabalhos braçais, como o realizado por escravos?! Talvez fosse justamente nesses grupos que se acolhia com entusiasmo: “O dia do Senhor chegou!” – Larguemos, pois, tudo o que é transitório! No entanto, a presente carta não traz qualquer referência a esse tipo de correlações! Certamente, porém, é importante que aqui, da mesma forma como já em 1Ts 4.11, se destaquem logo no versículo seguinte particularmente a “quietude” e o comportamento “tranqüilo”. Por que, afinal? Isso não tem a ver com superficialidade. Paulo certamente não era um “pequeno-burguês”. Pelo contrário, devemos pensar em Cl 3.3: nossa vida está agora “oculta” com Cristo em Deus e justamente como tal deverá continuar “oculta”. “Ser manifesto em glória” é algo que realmente só acontecerá conosco na parusia e no arrebatamento. Os “desordeiros”, com seu “ativismo”, porém, tentavam de qualquer maneira sair desse “encobrimento”

e fazer valer a nova vida de forma bastante “pública”. Paulo posiciona-se contra isso com toda a determinação. No modo como o faz ambos os aspectos ficam explícitos: no caso dos “desordenados” não se trata de “vagabundos e preguiçosos sem moral” – como, afinal, tais pessoas teriam agüentado ficar em uma jovem igreja de Jesus, ainda mais em uma que era duramente perseguida! Mas os “desordeiros” violam um traço característico da existência cristã. Seu comportamento não pode ser simplesmente tolerado como opinião pessoal separada, como uma espécie de “mania”.

- 10 Os mensageiros de Jesus enfrentaram essas idéias – com que se depararam logo na primeira estadia em Tessalônica, precisamente por serem “gregas” – com um conselho igualmente simples e drástico: se essas pessoas declaravam que não queriam trabalhar porque não pretendiam se deter com essas questões transitórias e miseráveis, então, pois, que também interrompam o miserável costume transitório de comer! Mas se precisarem e quiserem comer – mesmo como importantes e santos filhos de Deus e ainda que “o dia do Senhor tenha chegado” – então precisam também participar do trabalho, o único por meio do qual se produz o alimento, para os outros e para eles. **“Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, que também não coma.”** Os mensageiros salientam o “também”, quando estávamos convosco. Não tentam “apagar o Espírito” apenas agora, posteriormente (1Ts 5.19), e capturar “pessoas espirituais” em ordens civis! Os “desordenados” não têm do que se queixar: naquele tempo, no ditoso tempo inicial, tudo parecia bem diferente, então brilhava a gloriosa liberdade dos filhos de Deus, e agora de repente pensais em fazer de nós pacatos pequeno-burgueses! Não, os mensageiros se opuseram seriamente ao equívoco dos “desordenados” logo no início da construção da igreja.

Certamente são notáveis a sobriedade e clareza com que Paulo, em todos os seus pensamentos grandiosos e em toda a magnitude de sua ardente esperança, não deixou de considerar e ordenar a vida dos cristãos! Está plenamente de acordo com aqueles irmãos entusiastas: cristãos são filhos realmente redimidos e renascidos de Deus, foram chamados à glória eterna de Deus e por isso desde já são verdadeiras moradas do Espírito Santo de Deus. Paulo jamais teria conseguido superar os “entusiastas” no íntimo se tivesse ficado aquém deles nesse ponto! Mas agora chega a uma conclusão bem diferente: precisamente por serem e terem tudo isso, eles podem e devem assumir prontamente e de coração o modesto lugar de trabalho, não se separar da ordem divina, que para o tempo presente relacionou pão e trabalho de forma inseparável, e não abusar do amor fraternal para viver às custas de outros. Como também nesse caso Paulo compreendeu profundamente a Jesus, o Jesus dos evangelhos, que como eterno Filho de Deus trilhou o caminho da pobreza, da quietude e pequenez, e não veio para ser servido, mas para servir! Mas também nisso Paulo se transformou de “fariseu” em autêntico “discípulo”: a acusação do Senhor contra os fariseus em Mt 23.4 não o atinge. Praticava primeiro pessoalmente o que demandava de outros. De modo in-compreensível para o entendimento grego – com os coríntios, entre os quais justamente se encontra, Paulo tem de discutir repetidamente a respeito dessa questão – o majestoso enviado do rei dos reis, do soberano celestial, é um humilde operário, que se nega decididamente a **“comer pão de graça de alguém”**, preferindo acrescentar à sua imensa atuação apostólica, que podia ocupar todo o tempo de uma pessoa, ainda o trabalho manual para o sustento da vida, **“em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós”** (v. 8), como repete literalmente sua narrativa de 1Ts 2.9. Desse modo ele, os três, se ofereceram **“como exemplo, como tipo, para nos imitardes”** (v. 9). Se os fundadores da igreja, os mensageiros do grande rei, vivem dessa forma, que irmão na igreja teria então o direito “de andar fora dos trilhos” e viver “desordenadamente”, ou seja, fora dessa límpida “ordem”?

- 9 No entanto, fica plenamente preservado o direito dos mensageiros de Jesus, de se deixar sustentar pelas igrejas. Acrescenta-se expressamente: **“Não porque não tivéssemos autoridade para tal”**. Foi isso que Paulo mais tarde também explicou aos coríntios em 1Co 9.3-14 e 2Co 11.7-10. Portanto não se pode lançar nenhuma sombra sobre colaboradores eclesiásticos que recebem e aceitam salários da igreja! Tratava-se de um modo de agir especial, livre e espontâneo, de Paulo, por meio do qual deu um “exemplo” necessário por ocasião do ingresso do evangelho no mundo helênico. Foi o que também declarou aos anciãos de Éfeso na despedida em Mileto (At 20.33ss, o mesmo que expôs aqui aos tessalonicenses). Contudo, ainda que os mensageiros de Jesus em outras épocas e outras condições pessoais tenham toda a liberdade para decidir de forma diferente, tendo sua vocação de vida no serviço à proclamação da palavra e ao cuidado pastoral como aquilo que lhes propicia o pão,

para os membros da igreja que não estão à disposição do trabalho eclesial em tempo integral vale sem exceção que cada um deve conquistar seu próprio pão.

12 Por isso agora se torna muito séria a exigência de obediência. **“Aos respectivos determinamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando tranqüilamente, comam o seu próprio pão.”** Por ter entendido aqui uma característica essencial de Jesus e seu evangelho, Paulo pode e precisa ordenar “no Senhor Jesus Cristo”: quem vive de maneira diferente nessa questão desvia-se precisamente do próprio Jesus. A gravidade chega a ponto de que se leva em consideração a hipótese de continuidade na resistência e obstinação. Por isso o trecho começa de imediato com a resoluta exigência: **“Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós receberam”** (v. 6).

14s Em consonância, o trecho encerra com a instrução precisa: **“Caso alguém não preste obediência à nossa palavra nesta epístola, notai-o para não vos relacionardes com ele.”** No início do bloco mencionou-se apenas de modo geral que é preciso se distanciar de irmãos que “andam desordenadamente”. Agora, porém, a carta voltou a formular os fatos com clareza, repetindo expressamente a determinação de trabalhar e dirigindo-se com uma ordem àqueles de quem se trata. Desse modo se demanda dos respectivos irmãos uma decisão definida. O que passou será perdoado e esquecido se agora obedecerem e mudarem sua conduta. No entanto, se não o fizerem, negando assim publicamente a obediência a essa carta, então a igreja não pode se limitar a palavras e investigações, então também ela tem de agir. Precisa “notar”, “assinalar”, talvez em uma lista exposta na sala de reuniões, os desobedientes e teimosos – parece que são em pequeno número, já que a carta consegue formular “caso alguém” – e como igreja inteira deve interromper o relacionamento com eles. Nessa “jovem” igreja, portanto, precisa começar a “disciplina eclesiástica”! Contudo começa com plena ciência da natureza dolorosa desse processo. Precisa distanciar-se de “irmãos”, verdadeiros irmãos crentes em Jesus! A comunhão viva com membros do corpo de Cristo deve ser interrompida! Isso não acontece com a frieza de uma medida judicial. Também o irmão desobediente, que traz riscos à condição cristã e à igreja, continua expressamente como “irmão”. Qualquer severidade falsa, da qual nosso eu vaidoso é tão facilmente tomado, é refutada com determinação: **“Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o como irmão.”** Afinal, não negam obediência ao evangelho em si, mas apenas a essa determinação específica. Não são inimigos da grande causa da igreja, mas resistem a uma – ainda que evidentemente necessária – ordem da vida. Por isso há esperança de um efeito positivo: **“para que fique envergonhado.”** Pelo “não” consciente de toda a igreja o irmão perceberá que seu caminho de fato é errado e impossível, e cairá em si. Afinal, naquele tempo a comunhão fraterna da igreja concreta ainda significava algo bem diferente do que hoje! Era realmente “a” comunidade da salvação, a única que existia. Nela dominava um amor afetuoso e verdadeiro, que se tornou tão comovedoramente visível na primeira carta. Dessa forma a igreja era algo que não se podia encontrar assim em nenhuma das muitas associações daquele tempo, nas quais o anseio por comunhão buscava em vão por concretização genuína. O solitário cristianismo privado, para onde nos retiramos com tanta facilidade, era totalmente inexistente e também completamente inconcebível a partir do evangelho. Quem perdia a igreja, perdia tudo – porventura não preferiria abrir mão de um caminho errado? Analisado com toda a sobriedade: justamente esses irmãos, que eram “santos” demais para trabalhar, dependiam, para sua subsistência, do amor fraterno da igreja. Se a igreja fechasse as casas para eles, isso significaria fome. Contudo o “não” da igreja por isso não podia consistir apenas de palavras, pois do contrário isso se transformaria em mera discussão. Palavras geram palavras. Apenas um “não” como ação poderá gerar novamente atos de arrependimento. Por isso a igreja é mais uma vez incentivada à prática do bem: **“E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem”** (v. 13). Provavelmente a frase significa tudo ao mesmo tempo: a corajosa perseverança em uma vida pacata e laboriosa, a necessária firmeza na disciplina eclesial, o empenho afetuoso para levar os irmãos errantes ao caminho certo. Com que facilidade isso se limita a tentativas isoladas que em breve caem no esquecimento. “A demora arca com o fardo.” Por isso “não vos canseis”. No entanto, igualmente pode ser que, ao escrever a respeito da “prática do belo”, os autores da carta tenham pensado em “beneficência” em sentido estrito. Se agora demandam da igreja que não se relacione com os “desordenados”, a saber, que tampouco os sustente e os admita nos ágapes da igreja, isso não poderia ter um efeito paralisante para a beneficência em geral? Cada um trabalhe pessoalmente pelo pão, quem não trabalha também não deve comer – logo não doamos mais nada nem sustentamos mais

ninguém. Cada um veja como se defende sozinho! Não, irmãos, não é essa a intenção! Não, não canseis, ou como talvez possamos traduzir mais acertadamente: não desanimeis na beneficência! Existe suficiente indignação que não é devida à culpa própria!

Quanto ao todo do bloco, cabe prestarmos atenção ao fato de que essa “disciplina eclesial” corresponde inteiramente à imagem da construção de igreja que obtivemos no final da primeira carta. Isso constitui um indício de peso de que 2Ts não pertence a um período posterior! Não se vê nada “oficial”, nada “institucional”, nada “de direito eclesiástico”. Nem mesmo aquele grupo de colaboradores da igreja, que segundo 1Ts 5.12s havia assumido a “admoestação” como tarefa especial, é interpelado aqui e incumbido do atendimento a essa questão. Pelo contrário, tudo continua responsabilidade e ação de toda a igreja! Essa ação na verdade precisa ser realmente concreta, pois somente assim conduzirá com eficácia para além da mera discussão. Mas ainda não se torna visível nenhum “processo”, especialmente nenhum tipo de regras e ordens para a “readmissão” dos culpados. Eles são e continuam “irmãos”, e a comunhão plena com eles é restabelecida por si mesma no instante em que eles buscarem seu local de trabalho.

PAULO ESCREVE DE PRÓPRIO PUNHO A SAUDAÇÃO FINAL DA CARTA – 2Ts 3.16-18

16 – Ora, o Senhor da paz, ele mesmo, vos dê continuamente a paz em todas as circunstâncias.

O Senhor seja com todos vós!

17 – A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola; assim é que eu assino.

18 – A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós!

16 “Disciplina eclesial” facilmente acarreta conflitos, ainda que seja praticada com seriedade e amor. Mas justamente quando dificuldades e tensões ameaçam a vida da igreja, a igreja pode e deve saber isto: Jesus é **“o Senhor da paz”**. Assim como, contrariando o costume predominante, a carta – por razões que não percebemos facilmente – cita várias vezes o Senhor Jesus antes de Deus, o Pai, ou menciona Jesus no lugar em que a primeira carta aponta para Deus (2Ts 3.3 diferente de 1Ts 5.24), assim acontece também aqui. “Ele, porém, o Deus da paz” dizia 1Ts 5.23. Agora se atesta sobre Jesus que ele deseja a paz, e que trouxe a paz – afinal, ele é em pessoa a “nossa paz” (Ef 2.14) – e que assim também deseja dar e conservar a paz à igreja. Ainda mais, “continuamente de todas as maneiras”, logo também agora em meio às aflições externas e internas, em relação às quais a carta fala desde o começo. Ele “tem milhares de maneiras” para preservar a paz ameaçada.

17s **“O Senhor com todos vós!”** Essa talvez é a saudação final conjunta dos três. Somente então começa a saudação especial de Paulo escrita de próprio punho: **“A saudação com minha mão, de Paulo.”** É assim que também consta em 1Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18. O fato de Paulo acrescentar aqui: **“Esse é um sinal em cada carta: assim escrevo”** provavelmente deve ser entendido em vista da circunstância de que havia pessoas em Tessalônica que se apoiavam em uma suposta carta de Paulo, que teria a finalidade de corroborar sua proclamação “O dia do Senhor chegou”. O voto final **“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo com todos vós!”** corresponde às últimas palavras da primeira carta. Ele é e continua sendo realmente a síntese de tudo o que podemos desejar aos outros: que a graça de nosso Senhor esteja com eles. O próprio Jesus há de asseverá-lo a seu servo Paulo em hora crítica: “A minha graça te basta!” (2Co 12.9). Paulo podia acolher e crer isso porque ele próprio já o sabia desde sempre em relação às igrejas: basta-lhes a graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Se essa graça permanecer junto da igreja dos tessalonicenses, duramente perseguida e interiormente inquietada, ela terá tudo de que precisa, então viverá!

¹Boor, W. d. (2007; 2008). *Comentário Esperança, Segunda Carta aos Tessalonicenses; Comentário Esperança, 2 Tessalonicenses* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.